

SOLIDONIO LEITE

A
LINGUA PORTUGUESA
NO BRASIL



EDITORES
J. LEITE & Cia.
RUA TOBIAS BARRETO, 12
Rio de Janeiro

A edição digital deste fac-símile foi preparada por
Caio César Christiano
a partir da edição original que pertenceu ao professor
Raymond Cantel
da Universidade de Poitiers.

Esta obra encontra-se em domínio público e por isso pode ser livremente distribuída.

Este e-book é distribuído gratuitamente através do [blogue linguisticamente.wordpress.com](http://blogue.linguisticamente.wordpress.com)

Poitiers, setembro de 2011

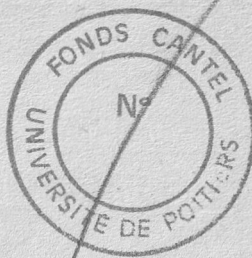
A Lingua Portuguesa
no Brasil

OBRAS DO MESMO AUCTOR
À VENDA NA LIVRARIA J. LEITE

Classicos Esquecidos, 1 vol. cart.	4\$000
A auctoria da «Arte de Furtar», 1 vol. broch. . .	10\$000
Fr. Manoel da Esperança (Excerptos), 1 vol. br. .	3\$000
Erros Imperdoaveis, 1 vol. broch.	1\$000
Classicos portuguezes, 1 vol. broch.	1\$000

SOLIDONIO LEITE

A
LINGUA PORTUGUESA
NO BRASIL



Poitiers - Section Droit-Lettres - SHS		
	E-157717	Loc.
		Exclu
		Dom.
ITN	N° inventaire	Date
0981	404513	



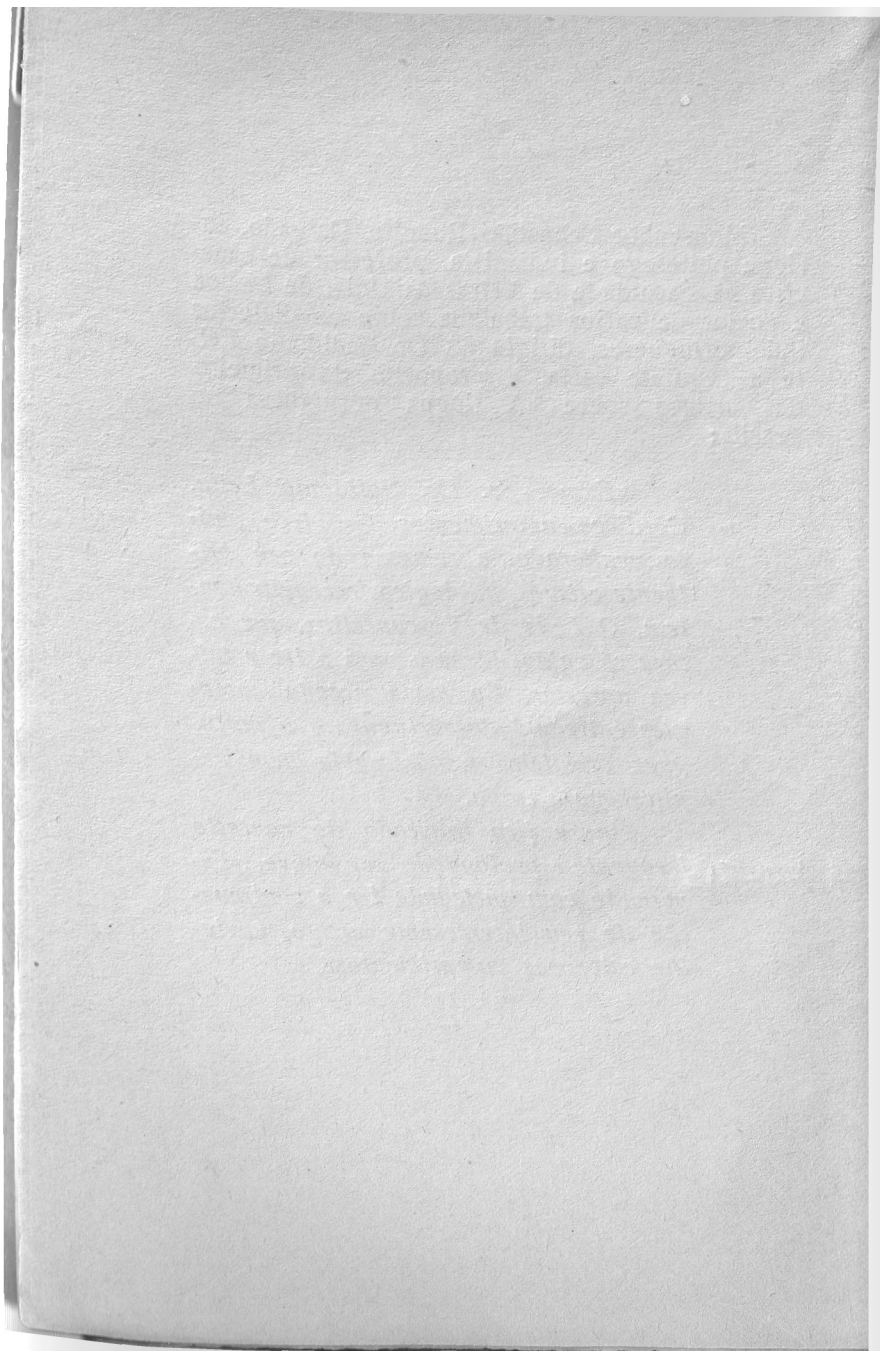
EDITORES
J. LEITE & Cia.
RUA TOBIAS BARRETO, 12
Rio de Janeiro



Monsenhor Sebastião Rodolfo Dalgado, insigne philologo e indianista, professor de sânscrito na Faculdade de Letras da Univ. de Lisboa e auctor de varios trabalhos sobre os dialectos indo-portugueses, dirigiu ao Dr. Solidonio Leite a seguinte carta, a proposito do primeiro dos artigos sobre «A lingua portuguesa no Brasil»:

«Exmo. Sr. Dr. Solidonio Leite. Cordiaes cumprimentos. Agradeço, muito penhorado, a remessa do seu brilhante artigo philologico, recebido hontem. O Leite de Vasconcellos, que estava cá então, levou-o para o ler e talvez apreciar. Eu havia notado analogias entre o indo-portuguez e o portuguez brasileiro e não sabia bem explicar-me a razão.

Agora fico inteirado do contacto frequente e prolongado que houve... Esperando com anciedade ler a continuação do seu interessante artigo, envio-lhe calorosos cumprimentos».



- 1 — Commercio da escravatura e sua influencia na penetração entre nós, dos dialectos indo-portugueses. 2 — Dialectos de Gôa, de Ceilão e Norteiro. Inversão do pronome regimen.

1 — Muito antes de D. João VI assentar a Côrte na cidade do Rio, já os seus moradores e os da Bahia frequentavam Moçambique, de onde traziam, desde 1645, escravos e tartaruga, em retorno dos generos levados do Brasil.

Nas viagens áquella praça, então parte (durante muitos annos) do Estado da India e centro do commercio com as terras da Africa oriental e da Asia, iam os navios a Gôa, onde se achava o Conselho da Fazenda.

Demais, todo o commercio de Moçambique foi longo tempo monopolio dos baneanes, judeus asiaticos, que levavam constantemente riquezas dessa ilha para Damão e Dio, onde se formara a companhia commercial que elles representavam; e, além delles, que, desde 1687, permaneciam temporariamente em Moçambique, encontravam-se alli os gentios de Damão e Dio, e uma população branca de individuos casados

xe por *eu soube, trouxe*; substituição do suffixo diminutivo dos adjectivos pela expressão — *Um pouco: Um pouco fraco* em vez de *fraquito*; e supressão ás vezes do artigo: *Quem sabe nome daquellas terras? Por ser contra religião* (*).

Passemos á syntaxe:

REGIMEN. *O, A* mudam-se em *Lhe*: Fui visitar-*lhe*, mas não *Lhe* encontrei.

Diz-se: *Oiça a mim*, em lugar de *Ouçame*; escreveu *a nós*, por escreveu-*nos*; leve *a ella* para a sala, em lugar de *leve-a* para a sala; apresentar sua dextra *a ella*, quando se devia dizer: apresentar-*lhe* sua dextra.

COLLOCAÇÃO DE PRONOMES — «Põe-se ao verbo o pronome regimen, contra o uso legitimo», informa o insigne Dalgado; e põe os seguintes exemplos: «*Difficilmente pagão-se* as contas atrasadas». «*Que é-me* natural». «*Que são-lhe* assacadas». *Elle não cançava-se* em insultar». Ajunta: «Põe-se ás vezes, o pronome regimen depois do participio do passado: «*Tendo a imprensa até queixado-se* do seu procedimento irregular».

Por sua vez, Leite de Vasconcellos escreve («*Dialectologie Portugaise*», pag. 169): «*Dans*

(*) «Começa bote a virar», é exemplo colhido no *Cancioneiro do Norte*, p. 3. Poderíamos citar muitos outros.

la syntaxe: incertitude dans la place des pronoms personnels *me*, *se*, etc., comme dans le brésilien (§ 96), ex.: «foi a carta que tu escreveste-me», «onde a cobiça dos poderosos põe-se de pé».

Alheiam-se, portanto, da verdade os que supõem ser brasileirismo a inversão dos pronomes. É puro dialecto de Gôa, como também o uso da preposição *em* com os verbos de movimento: sóbe *no* coqueiro, chegou *em* casa, venha *no* meu quarto; o emprego de *bater* e *pegar* activamente: bateu *a porta*, bati-o bem, pegue *o* meu livro; e o das expressões: *haviam* seis annos, *fazem* dous mezes; *fazem* alguns annos.

Quanto ao dialecto creoulo de Ceilão, baste o seguinte:

E atono sôa *I*, do mesmo modo que no dialecto de Gôa, no sul de Portugal e entre nós; *LH* representa-se por *Y* ou *I*: *oyá*, *fôya*, *brimê* (vermelho), *orêi* (orelha) *i merguiá*; nos grãos de comparação usa-se *mais melhor*, *mais peor*, e também *mais bom*; a par da redução dos exdruoulos, que se nota no dialecto de Gôa, a criação de outros, como entre nós: «pestia», «possia», «differencia», «sentencia», «justicia»; e, finalmente, o emprego de *falar* com a significação de *dizer*, como entre nós, no Estado de Minas-Geraes.

Se passarmos ao dialecto norteiro (Bom-

baim, Mahim, Bandorá, Bacaim, Chaúl, etc.), encontraremos, como entre nós:

APHERESE: de syllaba (*Bastião* por *Sebastião*); de *v* (*ocê, ucê*, por *você*); de *a* (*marrá, çabá, cordá, panhá*, por *amarrar, acabar, acordar, apanhar*); *S* medial seguido de *m* equivalendo a *z*; atenuação de *o* em *u* (*ulhá, custurá, cubrí, cum*, etc.); syncope de nasal simples postonica (*hom'* por *homem, ord* por *ordem*; entre nós: *ordé, homi*); *tamem, cadóra*, por *tambem, cada hora*; *com nós*, por *connosco*; *dá par mim um piquen pedaç*, em vez de — *dae-me um pequeno pedaço*; *já deu pr'ell bunit poi*, em lugar de *já lhe deu um bonito pão*.

Grande interesse tem para a dialectologia portuguesa, e para a brasileira em especial, o estudo da penetração assim realizada por alguns dialectos indo-portuguezes.

II

- 3 — Influencias conservadoras e influencias perturbadoras da linguagem; lição de Whitney, Gonçalves Vianna e Littré. 4 — Extremo grão de perfeição da lingua portuguesa nos seculos XVI e XVII. 5 — Fixando-se em monumentos literarios, a lingua não pode mudar sem corromper-se; lição de Renan, Voltaire e Max Muller. 6 — O português literario no Brasil.

3 — Occupando-se das influencias que se manifestam na lingua de um povo, encarece Whitney a importancia da civilização como elemento conservador; e acrescenta:

«Une litterature écrite, l'habitude de conserver les souvenirs et de lire, la prevalence de l'enseignement, sont autant d'influences qui agissent dans le même sens; et quand elles ont atteint le degré de force auquel elles parviennent chez les nations civilisées, ces in-

fluences dominant complètement dans l'histoire du langage. La langue est fixée... non seulement des différences locales ne se produisent plus, mais elles sont effacées partout où l'éducation se répand».

Mostra ser a razão por que o inglês que se fala na Inglaterra e o falado na America do Norte não nos deparam as diferenças que apresentam, comparados com a lingua mãe, o francês dos Canadenses, e o allemão dos colonos da Pensylvania.

Por sua vez disse Gonçalves Vianna: «... o inglês da Europa continúa a ser o padrão do inglês dos Estados Unidos da America do Norte, como o castelhano literario, só verdadeiramente vernaculo no centro da Espanha, é o modelo que nenhum escritor das Republicas da America do Sul, de origem hespanhola, desde nha ou menoscaba».

Acredita sobremaneira os nossos fóros de povo civilizado o conservarmos o idioma que nos herdaram os portugueses. Póde cada um de nós percorrer todos os Estados do Brasil, certo de que se fará comprehender perfeitamente, sem nenhuma difficuldade; excepto em algumas cidades do sul, onde ha teuto-brasileiros que fingem só entender o allemão. Nada fazem ao caso pequenas diferenças regionaes.

E porque não ha receio de estacionarmos no caminho da civilização, devemos ter por certo que augmentarão dia a dia as forças defensivas da unidade da nossa lingua. As correntes perturbadoras encontrarão, assim, resistencia cada vez mais efficaz. Embora continuem a influir, principalmente na massa dos illetrados, irão concorrendo sómente com expressões que logrem impôr-se ao uso geral, consagrado pelos bons escriptores.

Quando uma lingua já está fixada em monumentos literarios, os phenomenos perturbadores raramente se produzem, e pouca influencia podem exercer. «Ce n'est pas, diz Littré. (HIST. DE LA LANGUE FRANÇAISE, 8ª ed., pag. 156), quand une langue litteraire est armée de toute sen auctorité, que ces phenomenes se produisent; dans ce cas, elle fait reculer les patois, elle éfface les dialects, elle impose la règle et l'uniformité, et, abritée, comme l'homme lui-même dans les murs de ses villes, contre les influences du climat, elle n'est plus sujette qu'à celles des siècles».

4 — A lição dos mestres, que se têm consagrado a estudos especiaes do assumpto, mostra, portanto, quão longe se acha a lingua portuguesa de encontrar no Brasil influencias que venham transformal-a.

Já havia chegado em Portugal, desde os seculos XVI e XVII, a esse gráo de perfeição

no qual de sorte se fixam as linguas que se não podem alterar sem corromper-se. (1)

5 — «Une langue bien faite disse Renan, n'a plus besoin de changer... on ne' prétend l'enrichir que quand on ne veut pas se donner la peine de connaitre sa riohesse».

O mesmo já haviam dito, além de outros, Villemain e Voltaire.

São do ultimo as seguintes palavras:

«Toute langue étant imparfaite, il ne s'ensuit pas qu'on doive la changer. Il faut absolument s'en tenir à la manière dont les bons auteurs l'ont parlée; et quand on a un nombre suffisant d'auteurs approuvés, la langue est fixée. Ainsi on ne peut plus rien changer à l'italien, à l'espagnol, à l'anglais, au français, sans les corrompre; la raison en est claire: c'est qu'on rendrait

(1) O insigne Mestre Dr. Eduardo Carlos Pereira figura um triangulo, em cujo vertice se acha a lingua portuguesa do seculo XVI: estando nos extremos da base, como differenciações dialectaes, o falar brasileiro e o lusitano.

bientôt inintelligible les livres qui font l'instruction et le plaisir des nations».

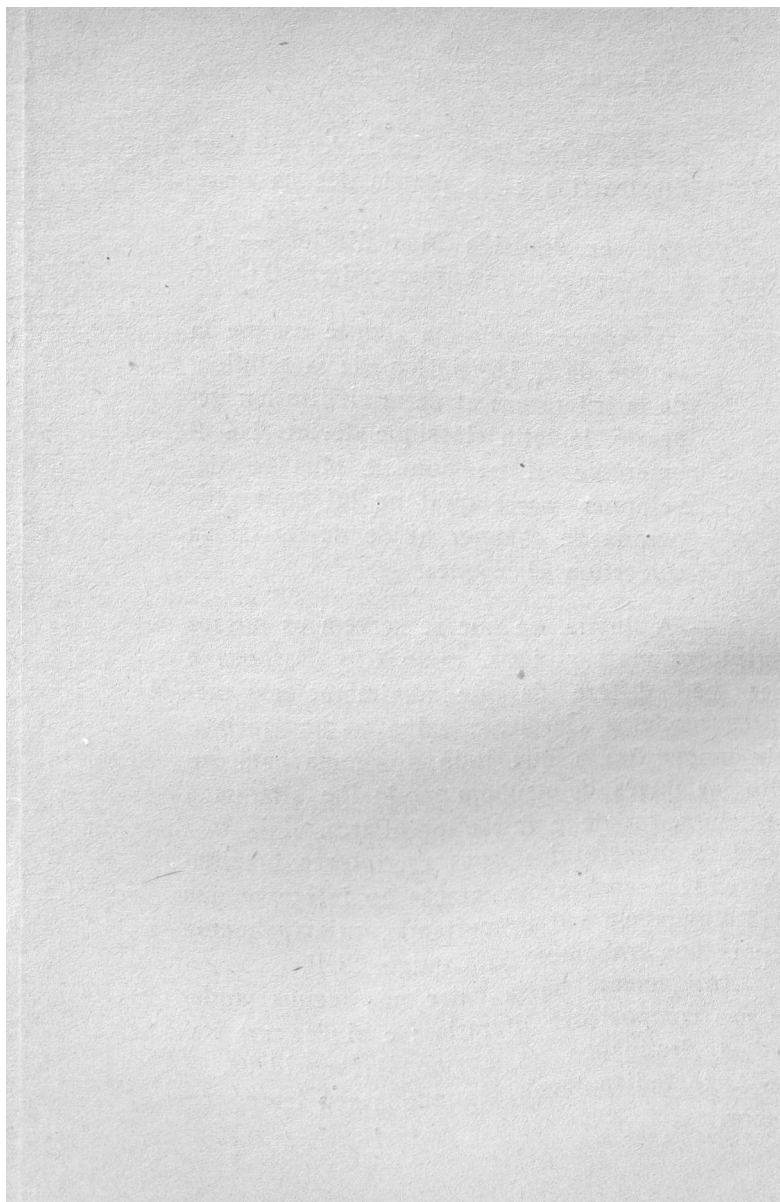
Por sua vez doutrina Max Muller — La Science du Langage (trad. Harrès-Perrot):

«Après avoir été adopté comme la langue de la législation, de la religion, de la littérature et de la civilisation générale, le latin classique devint fixe et immobile. Il ne pouvait plus se développer, parce qu'il ne lui était plus permis de changer ni de dévier de sa correction classique».

6 — A lingua, de que se servem os nossos escriptores mais polidos, como Ruy Barbosa e Laet, não differe da que admiramos nos melhores modelos classicos; salvo as indispensaveis innovações a que todo o idioma está sujeito, as quaes de nenhum modo lhe alteram a estrutura, indole e feição peculiares.

E o numero dos bons escriptores brasileiros tende a augmentar, graças ao interesse que a sã linguagem vai despertando, principalmente depois dos trabalhos do Codigo Civil.

Antigamente havia entre nós menos cuidado nas composições literarias; e ainda, nos trabalhos destinados ao ensino da mocidade. É um facto indisputavel, segundo a seu tempo veremos.



III

- 7 — Insignificante influencia do elemento africano. 8 — Máo portuguez dos nossos escriptores antigos. 9 — Linguagem dos livros didaticos. 10 — Como se ensinava a arte de escrever. 11 — Melhoría do portuguez no Brasil.

7 — Entre nós pouco influíram nos tempos coloniaes e posteriormente os elementos perturbadores da lingua. O de maior duração, o elemento africano, que se prolongou até os nossos dias, fracos vestigios deixou.

Foi muito mais importante a influencia que exerceram os dialectos indo-portuguezes, especialmente o de Gôa; não sómente no tempo em que o Brasil serviu de porto de arribada ou de escala (Antonio Franco — *Imag. da Virt.*, em o Nov. de Coimbra II, 744 a 746); como tambem com o commercio de escravos, segundo já vimos.

E é muito para notar a insignificante influencia desses elementos, apezar de favorecidos pela ausencia de correntes conservadoras.

8 — Discurava-se o estudo da língua, e dava-se pouco apreço á linguagem e ao estylo. Os mesmos que tinham obrigação de escrever com asseio, nenhum cuidado punham nisso. Afirmando que antigamente não se escrevia bom portugês no Brasil, acrescenta José Verissimo:

«Com todo o seu engenho e outras qualidades, os nossos românticos escreveram, se não propriamente mal, muito desairadamente. Gonçalves Dias, João Lisbôa e os Maranhenses em geral faziam excepção... Macedo escrevia pessimamente e Bernardo Guimarães e outros não escreviam melhor. Ainda em vista destes começou, e depois delles proseguio a reacção em favor de uma língua mais apurada, e os seus resultados, se não são ainda quaes os quizeramos são já bastante satisfactorios e patentes para nos autorizar a crêr que legaremos ao futuro Brasil uma litteratura mais perfeita que a que recebemos».

A linguagem incorrecta dos nossos escriptores, ou passava despercebida, ou tinha-se geralmente por cousa somenos.

9 — Eram mal escriptos os proprios livros adoptados no ensino secundario e superior.

E ninguem dava por isso; apesar da gravidade e avultado numero dos erros.

Num compendio muito elogiado (Bahia 1854) lemos o seguinte:

«Estes phenomenos são innumerous; todavia não são tão disparatados uns dos outros»... (I, 6).

«Para se conhecer quaes sejam as propriedades de qualquer cousa, não ha outro meio do que saber quaes sejam os phenomenos que elle apresenta» (II, 12).

Em seguida, na mesma pagina:

«Na materia organizada manifestam-se certos phenomenos, que não são os phenomenos da materia inorganica; no animal manifestam-se certos phenomenos, que não são os phenomenos do vegetal, e no homem manifestam-se certos phenomenos que não são os phenomenos do animal».

E pouco depois:

«Muitos movimentos se passam no corpo, e dos quaes não temos consciencia». (I, 55).

Logo na 1ª pag. do 2º vol. se lê:

«... para produção da sensação não são...»

O livro é todo assim.

Em outro compêndio encontramos a todo o instante expressões como estas:

«... impossibilidade de se encarar todos os problemas»; «detalhes que se deseja reproduzir»; «para se calcular novos triângulos»; «para se medir as distâncias». E construções deste feitio: «A graduação podendo ser centesimal ou sexagesimal, apresentemos»; «As operações no terreno, exigindo que o operador saiba... passemos ao estudo dos instrumentos».

10 — Os próprios livros adoptados oficialmente para o ensino da eloquência e poética, não constituíam excepção. Começavam por este teor (p.1) os *Elementos de Rhetorica* de Junqueira Freire (Rio, 1869): «O orador, como o poeta, nasce, não forma-se». No Prefácio do professor da matéria se lia: «Jovem cujo nome tornou-se», «paginas que consagrou-lhe».

E a *Synopse de Eloquencia e Poetica* do P. Honorato (Rio, 1870) está cheia de expressões

como as seguintes: «Dos meios que emprega-se para chegar aos fins da eloquencia»; «As que são tão expressivas que não pode-se encontrar»; «as regras especiaes que deve-se observar. «Será clara a elocução quando empregar-se palavras proprias». «Dahi, pois, se distingue cinco especies de palavras proprias, ou que o uso as tem apropriado; a saber:... «Devemos distinguir as palavras *bello e belleza* que quasi sempre se confunde»; «figura pela qual repete-se as mesmas palavras»: «pela qual repisa-se as mesmas idéas... pela qual supprime-se palavras».

Assim é que se ensinava entre nós a arte de escrever. A mesma definição de estylo, o compendio official não a apresentava com mais limpeza: «Estylo... era o nome que dava-se a um instrumento... com que escrevia-se... depois passou a significar o que escrevia-se».

Ninguém estranhava essa linguagem a que todos os ouvidos se tinham habituado. Era a de todos, a consagrada nos livros de ensino, nas lições e prelecções; ainda quando o seu objecto fossem a elocução e o estylo.

11 — «É um facto, que a critica não pôde deixar de verificar com satisfação, dizia Verissimo em 1907, o da melhoria do portuguez no Brasil. Aqui se está hoje escrevendo melhor, mais castiça, e mais elegantemente do que nunca se escreveu... Este resultado é devido á importan-

cia, aqui dada ás questões grammaticaes e á abundancia destas. Sem embargo do que pedem muitas dellas ter tido de bizantinas e até de ridiculas, o seu effeito foi util, como utilissima foi a acção dos grammaticos e de outros estudiosos ou amadores da nossa lingua, obrigando os nossos escriptores a lhe darem maior apreço, a estudarem-na, a cultivarem-na com maior estimação e a escreverem com mais cuidado... Começa-se a comprehender, ou já se comprehende, que não ha escriptor bom ou grande escriptor, sem lingua».

E citava os conhecidos versos de Boileau: *«Sans la langue, en un mot, l'auteur de plus divin est toujours, quouqu'il fasse, un méchant écrivain».*

IV

- 12 -- Deve o escriptor estudar a lingua e as regras da elocução nos bons modelos vernaculos. 13 — Ha entre esses muitos que não tratam de religião. Cita-se grande numero de trabalhos historicos. 14 — Trabalhos sobre viagens. 15 — Sobre politica. 16 — Sobre novellistica; comedias. 17 — Livros de leitura amena. 18 — Sobre pintura de costumes; moralistas. 19 — Outros assumptos.

12 — Passou o tempo em que se olhava com indifferença a linguagem e o estylo das composições literarias. Quem deseje ser escriptor deve conhecer a lingua, e estudar as regras da elocução. Se os interessados fossem ouvidos, naturalmente os mais apressados em obter glorias literarias, manifestar-se-iam pelo commodo regimen antigo, de absoluta negligencia. Mas, não se lhes permite voto. Nem lhes vale dizerem que são fastidiosos os livros classicos, e sómente se occupam de religião. Dado que assim fosse, nada faria ao caso o assumpto em se tratando de modelos da arte de escrever. Só-

mente nos sermões de Tillotson, lembrámos em outro lugar, achou Dryden essa «mysteriosa lei da criação da Bella Phrase» que o esmerado Flaubert levou toda a sua vida procurando, principalmente na obra de Chateaubriand. Muitos outros a encontraram na de Bossuet, simples «apologie de la religion chrétienne par le moyen de la Providence», pelo que denominaram — «sublime orador dos lugares communs», a esse grande artista da palavra que Sainte Beuve qualifica o mais eloquente de todos os escriptores francezes.

13 — Não é, porém, verdade que os livros classicos portuguezes tratem sómente de assumptos religiosos. O contrario testificam centenas de obras, onde se ostentam as bellezas da nossa lingua.

Tão avultado é o seu numero que seria impossivel mencional-as aqui. Limitamo-nos por isso a algumas, começando pelos trabalhos historicos de João de Barros, Couto, Castanheda, Góes, Bernardo de Brito, Antonio e Francisco Brandão, Mariz, Affonso de Albuquerque, Luiz de Souza, A. Paes Viegas, Bernardino da Silva, Fernão Guerreiro, Ayres Varella, D. Luiz de Menezes, Balthazar Telles, Soares da Silva, Lucas de Santa Catharina, Luiz Marinho de Azevedo, Souza de Macedo, Monterroyos Mascanhas, principalmente na «Epanaphora Indica» os irmãos Barboza, a «Historia da India» de A.

Pinto Pereira, um dos prosadores mais benemeritos de estimação, Brito Freire, Berredo e Rocha Pita, os quaes particularmente nos interessam.

Bastar-nos-ia João de Barros, universalmente admirado. Segundo boa opinião, excedeu a Tito Livio: «no assumpto por ser o mais novo que o mundo viu; nos factos, porque não são apocryfos, como muitos da historia de Livio; no interesse porque trata de costumes, ritos, trajos, regiões, imperios, povos, mares, ilhas, produções, commercios, e navegações nunca sonhadas dos antigos. E no estylo, sendo pelo commum igual a elle, em muitos logares o excedeu».

14 — No que respeita especialmente a viagens, temos a «Peregrinação» de Fernão Mendes Pinto, as «Noticias do reino de Cochinchina», de Manoel Ferreira, o «Peregrino na America», de N. Marques Pereira; o Tratado sobre as cousas da China, por Gaspar da Cruz; os Itenerarios escriptos por Antonio Tenreiro, Pantaleão d'Aveiro, M. Godinho, Gaspar de S. Bernardino, F. Guerreiro; a «Jornada do Arcebispo», de Antonio de Gouvêa; a de Antonio de Albuquerque Coelho, por Velez Guerreiro, e as Relações constantes da «Historia Tragico-Maritima», além de muitas outras.

15 — Quanto aos assumptos politicos, ler-se-ão com summo proveito a «Arte de Reinar»

e a «Justificação dos Portuguezes» de Antonio de Carvalho Parada, a «Politica Predicavel» de Manoel dos Anjos; a «Summa Politica» de Sebastião Cesar de Menezes; o «Abecedario Real» de J. dos Prazeres; a «Brachiologia Real de Principes», por Jacinto de Deus; as obras de F. de Andrade Leitão e de Antonio Moniz de Carvalho, a «Escola de Verdades Aberta aos Principes», estimadissima trad. de A. Alvares da Cunha; a «Instrucção Politica», de Sylva e Souza; os «Successos de Portugal», de Luiz de Torres de Lima; os «Discursos» e outras obras de Severim de Faria e de João Pinto Ribeiro; a «Armonia politica», de Souza de Macedo; parte dos innumeraveis trabalhos de Monterroyos Mascarenhas, todos muito curiosos, os de João Ribeiro Cabral, alguns de Luiz Marinho e Duarte Ribeiro de Macedo, o discurso politico de Luiz Lourenço Sampaio, o precioso livro — «Avisos para o paço» de Luiz de Abreu de Mello; e tambem o «Perfeito soldado» e «Politica militar», de João de Medeiros Corrêa, e a vibrante «Oração apodixica», do nosso Diogo Gomes Carneiro (natural do Rio de Janeiro).

16 — Quem preferir o genero novellistico, tem as «Historias de proveito», de Trancoso — o primeiro livro do genero publicado na Hespanha; a «Chronica do Imperador Clarimundo», de João de Barros; o «Palmerin d'Inglaterra», por Francisco de Moraes; a «Menina e Moça»,

de Bernardim Ribeiro; o «Memorial das proezas da segunda Tavola Redonda», de Jorge Ferreira; a «Lusitania transformada», de F. Alvares do Oriente, e os «Infortunios tragicos» e as «Novellas exemplares», por Gaspar Pires de Rabello. E querendo passar ás comedias, encontrará facilmente pelo menos a «Eufrosina», e as do nosso Antonio José.

17 — Os que desejarem livros de recreação e utilidade, podem ler com proveito a «Escola Decurial», de Fradique Espinola, os «Apologos dialogaes», e a «Feira de Annexins», de Francisco Manoel de Mello; a «Hora de Recreio» e a «Recreação Proveitosa», de João Baptista de Castro, as «Lettras symbolicas e sibyllinas», de Raphael da Purificação, tambem a «Fabula de planetas», de Bartholomeu Pachão, a «Corte n'Aldeia», de Rodrigues Lobo; a «Academia nos Montes», de Monteiro de Campos; e o «Divertimento erudito», de J. Pacheco.

18 — Se se quizer pintura de costumes, em muitas obras se encontrará; principalmente nas seguintes, merecedoras, a todos os respeitois, de encarecimento: «Soldado Pratico», de Diogo do Couto, «Primor e Honra» da Vida Soldadesca no Estado da India, publicado por Antonio Freire, «Tempo de Agora» de Martim Affonso de Souza, e «Arte de Furtar» de Souza de Macedo.

Entre os moralistas (Os dous João de Barros, D. Francisco de Portugal, 1º Conde de Vi-

mioso, Aleixo de Santo Antonio, Diogo de Pava, 2º, D. Francisco Manoel de Mello) um delles, o nosso patricio Mathias Aires, auctor das «Reflexões sobre a Vaidade dos Homens», e da «Carta sobre a Fortuna», pôde competir com os melhores das literaturas estrangeiras.

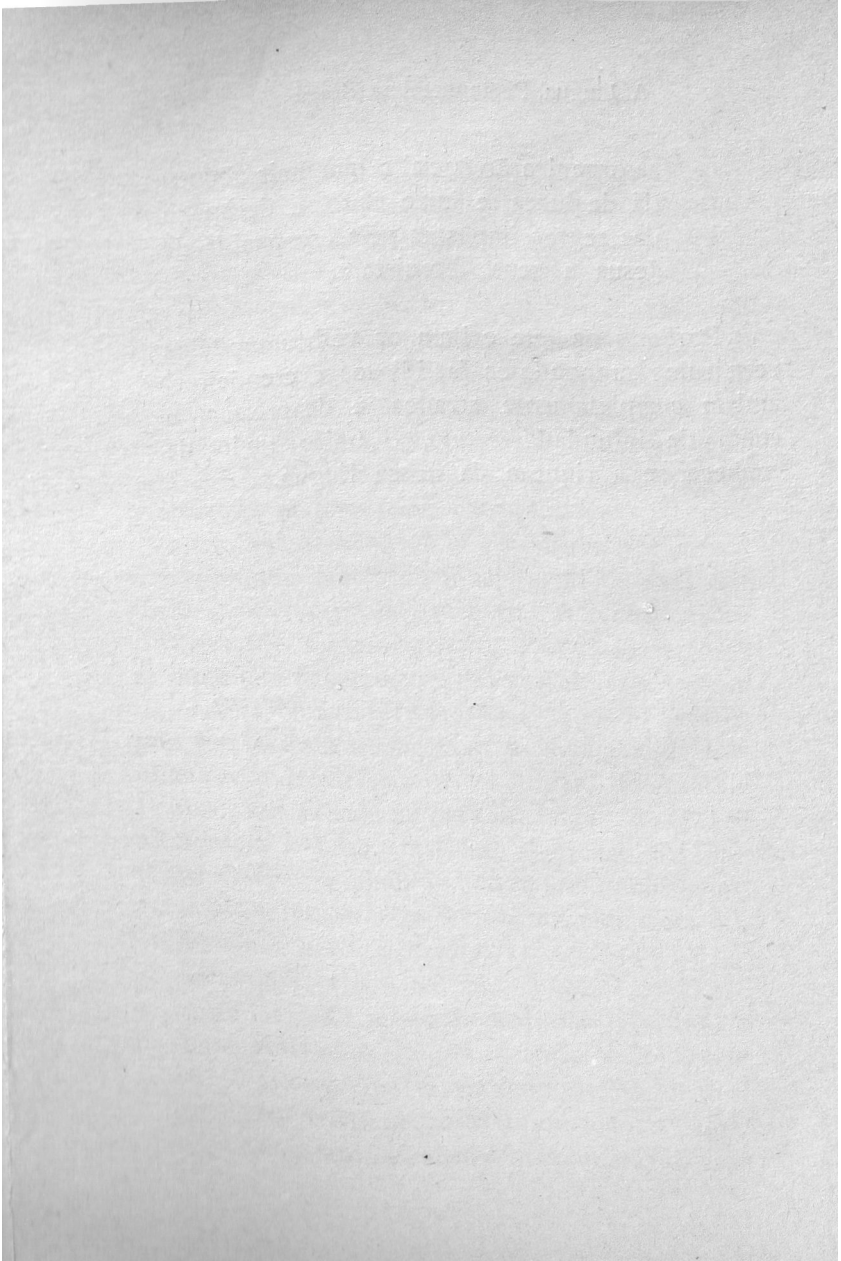
19 — Seria não ter fim, se continuassemos com a lista. Cortámos por muitos auctores, e excluimos os trabalhos poeticos, e os que têm por objecto direito, medicina, milicia, cavallaria, philologia, mathematica, pintura, etc.

Excluimos tambem as chronicas religiosas, não obstante offerecerem-nos avultado material historico, e crescido numero de informações curiosas, de todo o genero. Baste-nos lembrar as que mais de perto nos interessam: a Chronica da «Companhia de Jesus do Estado do Brasil» por Simão de Vasconcellos; a «Imagem da Virtude em o Noviciado de Coimbra», de Antonio Franco, tão preciosas para o estudo do Brasil colonial; a «Chron. da Comp de Jesus, d.e Balthazar Telles; e ainda o «Oriente Conquistado», do nosso Francisco de Souza, do qual disse Camillo:

«O nosso homem em noticias da Asia é o jesuita Francisco de Souza, grande stylista, profundo pensador, muitas vezes propheta, e de todos quantos da sua ordem escreveram acerca da nos-

sa organização social o que mais abonos dá de luzes, e juízo claro, e desapêgo das regras impostas pela companhia de Jesus a seus chronistas».

Portanto os que evitam os velhos modelos vernaculos suppondo-os fastidiosos e crendeiros, andam completamente errados, e desprezam, a conta de infundado receio, o unico meio de conhecer-se a riqueza da nossa lingua.



V

- 20 — Prosadores modernos. 21 — Erros attribuidos aos classicos onde estão muitas vezes é nas regras dos grammaticos. 22 — O *nacionalismo* na linguagem. 23 — Diferenciações dialectaes nos diversos Estados do Brasil.

20 — Se nos quizermos restringir a uma duzia de prosadores mais modernos, muito aproveitaremos com os seguintes: Antonio das Neves Pereira, notavel philologo, auctor da «Mecanica das palavras em ordem á harmonia do discurso», do «Exame critico sobre o uso prudente das palavras de que se serviram os nossos bons escriptores», e do «Ensaio sobre a Philologia Portugueza»; Francisco Dias Gomes, «o homem talvez de mais apurado engenho que Portugal tem tido para avaliar meritos de escriptores» (Herculano); Pedro José da Fonseca, auctor da melhor parte do «Diccionario da Academia» e de muitos outros trabalhos estimadissimos; Fr. Francisco de S. Luiz, em quem o «amor da pa-

tria se desentranha em affectos pela boa e genuina linguagem nacional» (Latino); D. Francisco Alexandre Lobo, «o escriptor mais classico do principio deste seculo» (XIX), segundo Camillo; Sebastião Xavier Botelho, auctor da famosa «Memoria Estatistica», da qual disse Herculano «ser o livro de prosa mais bem escripto dos apparecidos nos ultimos vinte annos em Portugal»; (acrescentando, em outro lugar, que «tão sua tinha feito Botelho a formosa lingua portuguesa, tão elegante e fluente é o seu descrever e narrar, que difficulosamente lhe levarão vantagem os nossos primeiros prosadores»); o mesmo Herculano, Camillo, Castilho e tambem Latino, Adolpho Coelho, Rebello da Silva e Garret.

21 — Entre as allegações apresentadas contra a leitura dos classicos, uma dellas consiste em que tambem elles erraram muitas vezes.

Sem duvida haverá descuidos nos melhores especimens da vernaculidade. O mesmo acontece na literatura de todos os paizes e de todos os tempos. Isso, entretanto, jámais impediu seja o uso frequente dos modelos classicos indispensavel a quem pretenda escrever bem. É verdade indisputavel, consagrada pelo consenso unanime dos mestres.

Demais, tem acontecido levar-se a desacer-to o que é rigorosamente correcto. O erro, que supponmos ver nos bons auctores, onde está mui-

tas vezes é na regra dos grammaticos, formulada sem a necessaria observação dos factos da linguagem. Como toda a generalização, o preceito grammatical será tanto menos seguro quanto menor fôr a cópia dos factos systematizados.

Referindo-se a um dos nossos melhores grammaticos, disse o insigne Ruy Barbosa, que ao perfeito conhecimento das regras allia o longo trato dos mestres da lingua (*Repl.* numero 239):

«Com o seu criterio de assentar inducções grammaticaes sobre um, dous ou tres exemplos, a continuas decepções se exporia o mestre».

Agora mesmo estamos lendo, com muito proveito, profundo livro escripto por uma das nossas maiores competencias em materia de lexicologia, no qual o unico defeito que nos parece haver é o ter o auctor limitado por demais o numero das obras consultadas.

Affirma, por exemplo:

«Em a India, a China, a Indo-China o emprego da palavra — *A* — foi sempre *obligatorio*, assim como o masculino — *O* — em o Japão, o Indostão...»

No que respeita a Índia, não conhecemos excepção. O mesmo não se póde dizer relativamente a China, Cochichina, Indostão. E quanto a Japão, temos em nossos apontamentos centenas de casos do seu uso sem antecipação do artigo. Isso, aliás, se vê nos próprios títulos de alguns livros classicos e especiaes sobre o Japão, como as estimadissimas *Cartas de Japão*; e o livro de Francisco Cardim — *Elogios e Ramalhetes de Flores Borifados com o Sangue dos Religiosos da Companhia de Jesus a quem os Tyrannos do Imperio de Japão tiraram as vidas...* Lisboa, 1650. (1)

Repare-se no avultado numero dos livros que teve de ler o egregio Dalgado, para compor o seu *Glossario*; não obstante limitar-se a palavras de origem asiatica. Porque não fez o mesmo, cahiu Gonçalves Vianna nos erros que o sobredito Dalgado mostrou, examinando-lhe as *Apostillas*.

(1) No outro livro do mesmo autor, — *Batalhas da Companhia de Jesus*, impresso pela primeira vez em Lisboa, no anno de 1894, está no front. Provincia do Japão, talvez por engano do revisor, porque no corpo da obra figura a palavra sem o artigo na quasi totalidade dos casos; havendo paginas onde assim se vê nove vezes. O proprio Cat. da Acad. fez algumas vezes alteração semelhante, como por exemplo, no título da obra de Manoel Ferreira, no qual poz Missão da Conchichina onde devia reproduzir Missão de Conchichina.

22 — Vem-se dizendo ha muito que nos estamos emancipando dos portuguezes no que respeita á linguagem. Já se chegou a escrever:

«Para nacionalizarmos o Brasil, é preciso que *comecemos* por abolir esse preconceito... de que os nossos trinta milhões de brasileiros fallam o mesmo idioma de que tres milhões de individuos se utilizam da outra banda do Atlantico».

Os que assim desvirtuam o nacionalismo, levando-o para o terreno da linguagem, esquecem aquillo de Renan:

«Cette consideration exclusive de la langue a, comme l'attention trop forte donnée á la race, ses dangers, ses inconvenients. Quand on y met de l'exageration, on se renferme dans une culture déterminée, tenue, pour nationale; on se limite, on se claquemure. On quitte le grand air qu'on respire dans le vast champ de l'humanité pour s'enfermer dans des conventicules de compatriotes. Rien de plus mauvais pour l'esprit; rien de plus facheux pour la civilisation».

23 — E não vêm que o argumento da existência, entre nós, destes «traços característicos differenciaes do idioma falado em Portugal», provaria de mais, attestando que a supposta emancipação onde anda mais adiantada é em nossa mesma casa.

Na verdade, as diferenças que a linguagem do nosso povo apresenta, comparada com a que se usa em Portugal, são menores das que se notam nos diversos Estados do Brasil (já documentadas em vocabularios regionaes). E ainda não houve quem visse nesse facto naturalissimo prova de que os mesmos Estados se estejam emancipando uns dos outros no tocante á linguagem; o que obrigaria os nacionalistas de lingua a dividirem-se geographicamente (permita-se a expressão), sob as formas fragmentarias do que se poderia chamar *estadualismo*.

A verdade é que no Brasil tem apparecido, ao lado da lingua litteraria, differenciações dialectaes; do mesmo modo que em Portugal e em toda a parte do mundo, agora e em todos os tempos.

Gomes de Moura dizia: «Como os dialectos consistem nas maiores ou menores diferenças da linguagem de povos que fallam a mesma lingua commum, observa-se que rara é a lingua que não tenha estas diferenças, ou dialectos».

Poderíamos ir mais longe, affirmando que todas os têm, e nada perdem com elles; pelo contrario, alimentam-se, e enriquecem.

VI

- 24 — A construção portuguesa em confronto com a francesa. O que dizem contra esta os melhores auctores franceses. 25 — Leiamos sempre os bons modelos vernaculos, especialmente os escriptores religiosos. 26 — Porque são estes os melhores. 27 — A obra dos jesuitas no Brasil.

24 — Os que evitam a leitura dos exemplares da boa linguagem portuguesa, ordinariamente se consagram á dos livros franceses. Vão-se habituando pouco a pouco á monotonia de sua construção; e ao cabo se lhe têm afeiçoado de sorte que ficam eternamente presos á ordem directa dos Franceses.

Sabe todo o mundo quanto differe a syntaxe nas duas linguas. A nossa é para tudo; permite evitar-se o tom uniforme, e obter-se a afinação dos periodos, mediante recursos, com que se ajudam a elegancia e a harmonia. A francesa, «enfiadinha por nominativo, verbo e caso», exige, como notava Schopenhauer (enca-

recendo a superioridade da allemã), «uma ordem severamente logica das palavras»; pelo que tem sido em todos os tempos o tormento de seus poetas e prosadores. Vejamos alguns depoimentos, dentre os mais valiosos.

Seja de Fenelon o primeiro.

«La sévérité de notre langue contre presque toutes les inversions de phrases augmente encore infiniment la difficulté de faire des vers français, on s'est mis a pure perté dans une espece de tourture pour faire un ouvrage...»

Volta ao assumpto em outros lugares.

Attente-se nas palavras de Voltaire:

«Cette langue embarrassée d'articles, dépourvue d'inversions, pauvre de termes poetiques, stérile en tours hardis, asservie a l'éternelle monotonie...»

Passemos a Mercier:

«... elle n'a ni abondance, ni énergie, ni audace... sa marche, loin d'être libre et fiere, est compassée, mesurée, rétrécie, soumise au compas».

Por sua vez Boileau, depois de escrever:

«... il y en a beaucoup ou elle est fort pauvre; et il ya un très grand nombre de petites choses qu'elles ne sanrait dire noblement», acrescenta: «Mais, au lieu de plaindre en cela le malheur de notre langue, prendrons-nous le parti d'accuser...»

Veja-se agora a opinião de Marmontel:

«... l'inversion, qui donnait aux anciens l'heureuse liberté de placer les mots dans l'ordre le plus harmonieux, nous est presque absolument interdite».

Maravilha, entretanto, o que os escriptores franceses logram fazer com a sua língua. A razão está nestas palavras de José Verissimo, que mereceram a transcrição de Ruy Barbosa (Replica, n. 423):

«Os Francezes escrevem naturalmente bem; são excepções os que delles conhecem além das linguas classicas, outro idioma que não o seu; mas mesmo o conhecendo, lêem enormemente mais no seu que no alheio. Aprendendo o seu profundamente (o curso

de francez nos lyceus É DE SETE ANNOS) e directamente dos seus grandes escriptores estudados sob todos os aspectos, não admira que a critica alli raro tenha a notar-lhe incorrecções de linguagem».

25 — Leiam-se os bons auctores francezes, que em muito nos aproveitam; mas não deixemos de ler tambem os exemplares vernaculos; pois somente nelles poderemos aprender os segredos da nossa lingua, a difficil arte de escrever. E dentre elles temos por sem duvida serem os melhores precisamente os escriptores religiosos.

26 — Tendo o pensamento voltado para as cousas de Deus, desprezavam applausos dos homens, cujo máo gosto jamais influia nos seus trabalhos. No meio espirital, onde se isolavam, os vicios da época nenhuma influencia puderam exercer.

E não se limitavam ás chronicas religiosas; nem a meditar sobre a origem e destino do homem. Estudavam-lhe a natureza e os affectos; e, para penetrar os corações e conhecer os segredos dalma, tinham a facilidade dos meios, e occasiões proporcionadas. Quanta vez almas impenetraveis espontaneamente se lhes abriam? Por isso, muitos sahiram perfeitos psychologos; e com o talento de expressão, em que

ninguem os igualava, enriqueceram a língua de novos termos acomodados ás delicadezas dos sentimentos, e ao tumultuar das paixões.

27 — Demais, grande parte da Historia do Brasil, desde que chegou o primeiro governador geral (1549), acha-se intimamente ligada aos serviços dos jesuitas. Cathequizaram os indios, abriram escolas, edificaram igrejas, rasgaram estradas, agricultaram os campos, ensinaram artes e officios, promoveram aldeamentos, fundaram cidades, modificaram costumes, compuzeram discordias, alargaram o territorio; levaram emfim a toda a parte os beneficios da luz, as suasvidades e consolações do amor e da brandura (1).

E esses serviços, dos quaes ficarão sempre distantes os maiores encarecimentos, constam das chronicas religiosas que os publicam e documentam. Referiram-se em cartas onde os padres iam noticiando o que faziam, e tudo o que lhes despertava a attenção, as quaes se registravam em livros especiaes, presentes aos chronistas da ordem.

Não resistimos ao prazer de trasladar do

(1) «... o que não podia acabar o Governador por força de armas, e violencia da polvora e pelouro, acabava o Padre Manoel da Nobrega só com a sua presença e poucas palavras», diz Balthazar Telles — I, 462).

padre Antonio Franco (Imag. da Virt. em o Nov. de Coimbra II, 179), os seguintes passos relativos á fundação do Rio de Janeiro:

«... e o despedio para o Rio nos principios do anno de 1564, com regimento, que em tudo se regesse pelo conselho do Padre Nobrega, e lhe obedecesse como a elle em pessoa, tendo para si que pelo grande ser que reconhecia no Padre Nobrega teriam as cousas o (desejado acerto, como em verdade o tiveram. Em chegando Estacio de Sá ao Rio, despediu um barco a São Vicente a chamar o Padre Nobrega. Logo se embarcou com dous companheiros, e chegou ao Rio em Abril, sexta-feira da semana santa, á meia-noite, com grande tempestade, onde correu evidente perigo de ser tomado dos Tamoyos, que tinham já quebrado as pazes... Em dia de Paschoa se disse missa na Ilha dos Francezes, onde o Padre Nobrega fez uma pratica a todos, em que procurou tirar-lhes o medo, que tinham dos tamoyos, pelo que delles tinham experimentado. Exortou-os a confiarem em Deus, cuja vontade era que se povoasse o Rio. Ficaram todos muito animados.

«... Com ajuda de Deus, e zelo incansavel acabou de vencer todos os impedimentos, que difficultavam a jornada: ella se veiu a pôr em effeito no Janeiro seguinte de 1565 dia de São Sebastião, a quem logo tomaram por Padroeiro da empreza.

«... Durante esta conquista, mandou o Padre Nobrega ao Irmão Joseph de Anchieta que fosse tomar ordens á Bahia, e elle em pessoa acodiu ao Rio de Janeiro, aonde de São Vicente de continuo fazia acodir com bastimentos e canôas que de novo por sua agencia se armavam em fóрма que se póde bem dizer que o muito que alli tem o reino se deve ao zelo deste Santo Padre».

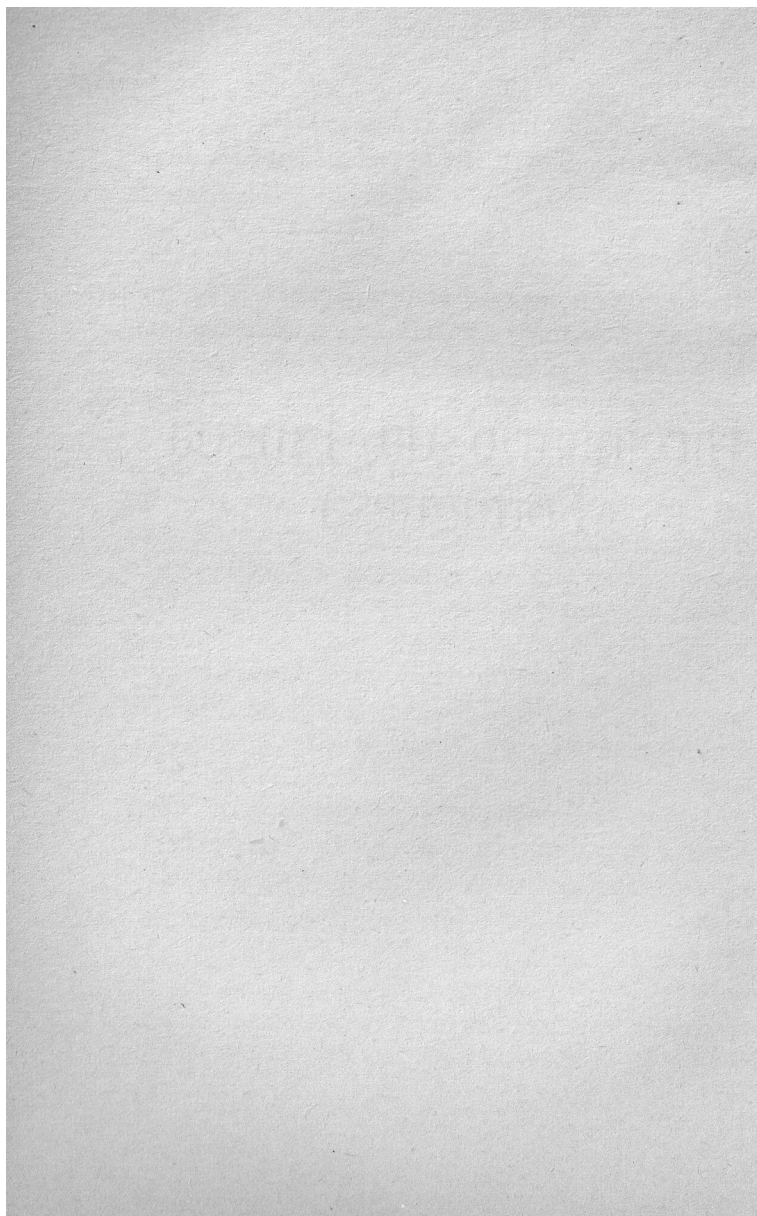
Haverá brasileiro que ache desinteressante a narração de taes factos da nossa historia, e seja indifferente á dedicação dos jesuitas que andaram aqui, dezenas de annos, com sacrificio de todas as commodidades, semeando o bem, lançando e consolidando os fundamentos da nossa grandeza?

Impossivel que haja entre nós quem tenha por assumpto enfadonho e insupportavel a noticia dos serviços dos que, tomando entre mãos o nosso Brasil logo ao nascer, o cercaram de

carinho, cobriram de bênçãos, fortaleceram e civilizaram; consagrando-lhe todo o thesouro de seus affectos, todas as energias do seu espirito, e levando o zelo por seus augmentos até ao sacrificio da saude e da propria vida.

«Na pessoa de Anchieta, disse Eduardo Prado, glorificamos a nossa historia e os feitos dos nossos maiores: os irmãos podem dissentir entre si, mas todos têm o sentimento commum da veneração pelos paes. E este sentimento revela-se entre os povos pelo amor á lingua nacional, aos costumes, ás tradições, por toda essa riqueza que é o patrimonio de uma nação».

Diccionario da Lingua
Portuguesa



Do mesmo modo que a Academia da Crusca e as Academias francesa e hespanhola, a das Sciencias de Lisboa, fundada em Dezembro de 1779 pelo Duque de Lafões e o Abbade José Corrêa da Serra, consagrou-se, antes de mais nada, á composição do dictionario da lingua.

Realizada a sua primeira sessão a 16 de Janeiro de 1780, logo na sessão publica de abertura solemne, a 4 de Julho do mesmo anno, um dos seus mais illustres membros, o laborioso philologo Pedro José da Fonseca, apresentou, precedida de brilhante introdução, a planta, sobre a qual devia levantar-se o monumental edificio.

Nessa planta explicava (sob n. 1): «O Dictionario da Lingua Portuguesa, cujo projecto se offerece, deverá conter os vocabulos puramente portuguezes em todas as suas significações, assim proprias, como translatas, declarando-se em cada huma dellas a sua natureza, propriedade e força, juntamente com o uso regular ou anomalia das palavras e frases, fixado tudo pelos

exemplos dos auctores classicos da sobredita lingua».

Em seguida mostrava qual o methodo que se devia observar na grandiosa construcção (ns. 2 a 25).

Poucos annos depois, concluidos os penosissimos trabalhos preparatorios, inclusive o estudo e escôlha dos principaes auctores e obras, com que se devia abonar o diccionario, sahio á luz (em 1793) o seu primeiro volume, obra superior a todo o encarecimento.

Durante a sua composição, á qual o sobredito Pedro José da Fonseca, Agostinho José da Costa de Macedo e Bartholomeu Ignacio Jorge, se entregaram com a maior dedicação, a ponto de sacrificarem a saude, viram-se estes precisados, para continuar seus trabalhos, a reunir outros materiaes, completando o catalogo dos auctores e obras que formam a grande caudal da boa linguagem vernacula.

Só assim evitariam justas censuras, como a que fez Juan Mir aos auctores do Diccionario da Academia hespanhola. (*)

Longo tempo empregaram examinando o valor das obras ainda não julgadas pelos competen-

(*) Censura-os (*Prontuario de Hispanismo*) porque deixaram no esquecimento innumerous modelos classicos da época mais gloriosa da linguagem hespanhola. Cita uns cem desses autores, ajuntando-lhes outros

tes; e aconteceu muitas vezes reconhecerem que eram imprestaveis.

Dahi a organização do *Catalogo dos Livros que se hão de lêr para a continuação do Diccionario da Academia*, publicado em 1799.

Mais tarde, resolvida a proseguir na ardua tarefa, tão bem começada, e entendendo que se não deviam excluir os bons modelos de linguagem posteriores a 1626, a Academia nomeou uma commissão permanente de tres membros (a 6—5—1813), incumbida de examinar todas as obras onde se deveriam colher abonações para o diccionario, e determinou (1814) se contemplassem tambem os principaes escriptores do seculo XVIII, e os seguintes «até os nossos dias».

Na sessão de 24—6—1814, informando o Vice-Secretario Mendo Trigozo que a commissão ficara desanimada ao encarar a improba tarefa, dizia: «Era necessario lêr attentamente perto de mil volumes, extractar as suas phrases e termos, ou para melhor dizer copial-os mais de uma vez; era necessario alphabetar esta collecção immensa, para depois escolher e joeirar, segundo regras fixas e anteriormente estabele-

em novo trabalho; e mostra que as suas obras têm mais vozes castiças, mais variedades de modismos, mais viveza de hispanismos, mais caudal de engenho, mais fundo de sciencia e mais pezo de sabedoria do que todas as de Cervantes.

cidas, o que fosse mais digno de se aproveitar; era necessario buscar etymologias, definições, emfim, tudo o que constitue os grandes materiaes da grande compilação do thesouro da lingua portuguesa; e era sobretudo necessario antes de qualquer destes trabalhos, formar um juizo critico dos escriptores modernos; materia difficil de sua natureza, ainda mesmo que se olhe despida de algumas circumstancias que a tornam melindrosa e cheia de espinhos».

Posteriormente, a Academia, tendo comprado a Alexandre Herculano o diccionario legado a este por André Joaquim Ramalho, nomeou, para indicar os meios de concluir a revisão desse trabalho, e fazel-o publicar, uma commissão composta dos Srs. Marquez d'Avila e de Bolama (Presidente), A. José Viale, A. da Silva Tullio, A. Soromenho, Dr. B. A. Gomes, Innocencio F. da Silva, D. José de Lacerda, Latino Coelho e o Visconde de Castilho, que, por doença, não poude tomar parte nos trabalhos.

Os estudos feitos por essa commissão venceram-na de que o manuscripto de André Ramalho, apezar de ser «o mais copioso de vocabulos e de phrases de quantos se têm composto na lingua portuguesa», exigia ainda um grande trabalho afim de poder-se publicar. Justificando as conclusões, a que chegara, apresentou em Outubro de 1870, minucioso relatorio,

redigido por Latino Coelho, do qual destacamos o seguinte:

«No estado presente dos estudos etymologicos em Portugal, seria precoce e necessariamente mal succedida a tentativa de um diccionario etymologico. A commissão entende pois que no diccionario que se intenta publicar, escripto essencialmente pragmatico, e não especulativo, antes destinado, principalmente á utilidade commum, se devem omittir todas as referencias etymologicas, addiando para ensejo mais opportuno a publicação de uma obra especial, que sobre este assumpto possa corresponder á auctoridade e ao decoro de uma tão eminente corporação, como a Academia Real das Sciencias de Lisboa...»

A douta commissão suggeria o seguinte:

«E como é condição essencial em obra de tão grande tomo e importancia literaria a união na redacção, parece á commissão indispensavel o confiar esse trabalho a uma só pessoa, que desempenhe as funcções de director da publicação, devendo auxiliar-se das que lhe pareça necessarias para que a revisão se effectue com a maxima presteza. E para que haja cohesão e conformidade no trabalho, o que mais facilmente se consegue quando a elle se applicam pessoas, que de bom grado se entendem e têm habitos literarios semelhantes, parece conveniente que o director haja de propôr á Aca-

demia os individuos que o hão de ajudar na sua empresa, ficando todavia a definitiva escolha dependente da confirmação academica».

A Academia escolheu então o proprio Latino Coelho, seu secretario, o qual, tomando por base o manuscripto de Ramalho e o antigo dictionario da mesma Academia, que não passara da letra A, chegou a redigir cerca de metade de toda a obra.

Em seu relatorio de 1871, com o qual apresentou, impresso, um *especimen* ou typo do dictionario, como o estava executando, depois de justificar o plano seguido, escreveu:

«Postos estes preliminares, é minha opinião que o dictionario deve ser redigido, segundo as indicações que vou apresentar:

1º A palavra escripta com a orthographia, que esta Real Academia, sob proposta que lhe será presente, haja de adoptar.

2º A pronuncia correcta da palavra, expressa por um modo em parte phonetico, em parte convencional, attenta a insufficiencia dos caracteres romanos para dar todos os sons da nossa lingua.

3º A indicação lexicographica da palavra e as flexões differentes, a que é sujeita para indicar os numeros e os generos, quando ellas se afastam das regras geraes.

4º As varias significações de cada termo, a começar dos que na ordem logica, se reputam

primitivos, e descendo por suas transições naturaes até aos sentidos translaticios.

5º A citação dos textos classicos, quanto sejam necessarios para auctorisar a palavra e as suas diversas accepções.

6º As mais notaveis phrases, modismos, proloquios e adagios, que se referem a cada palavra.

7º A regencia de cada vocabulo, e a sua distincção, quando é diversa, segundo as accepções em que é tomada.

Quando o archaismo está desde muito retirado da circulação vulgar ou literaria, sem que nenhum escriptor de nota o haja remoçado, e quando a sua ressurreição não seja recommendada por nenhuma necessidade de locução, por haver palavras, que mais expressamente o substituam, deve indicar-se por um signal ou por uma abreviatura (um asteristico, por exemplo), que o vocabulo é desusado ou obsoleto, tendo porém o cuidado de não pródigalisar esta designação e de a reservar exclusivamente para os termos, que de nenhuma utilidade podem ser no estado presente da linguagem.

Entre os neologismos ha uns que não têm em seu favor senão o uso; outros, rigorosamente portugueses, por serem formados segundo as analogias da lingua patria, têm por si a auctoridade dos escriptores contemporaneos, que fazem fé em pontos de vernaculidade. Os que

têm baptismo literario, devem entrar no fundo commum da lingua, sem nota especial. Aos que são como que intrusos e apenas tolerados no falar commum, ponha-se-lhes o ferrete, indicando-os por um signal, como não auctorizados na escripta ou no discurso oral, para que os indoutos, vendo-os incorporados no vocabulario os não julguem tão estremes e puros como os que são genuinamente nacionaes por origem ou adopção».

Muitos annos consagrou Latino á composiçãõ do diccionario, esforçando-se, a todo o poder que poude, por corresponder á confiança que depositara a Academia na sua profunda erudição philologica, scientifica e lexicographica.

Em seu relatorio de 10 de junho de 1886 informava elle que apezar da escassêz de meios, já estava escripta do diccionario uma parte que se podia «computar em metade de toda a obra» — as letras A, B, C, D, e da letra E, os artigos até as letras Er.

A veneração que tributamos á memoria do excelso Pedro José da Fonseca, principal auctor do diccionario da Academia, não nos permite deixar de transcrever aqui a seguinte passagem desse relatorio.

«Tudo quanto se podia utilizar se reduz ao manuscrito de Ramalho, que é apenas um modesto vocabulário, ou antes uma cópia de Bluteau, e de Moraes com a addição de algumas

palavras, e a indicação de alguns raros textos, muitas vezes sem apontar a obra, nem o auctor; e ao dicionario antigo da Academia, o qual não passou da letra A, e apesar dos apodos e motejos, com que se tem pretendido moderadamente deslustrar o *merito incontestavel da sua enorme erudição, não teve no seu tempo obra semelhante, que se lhe avantajasse em plano e execução*».

Introduziu Latino Coelho no dicionario os termos technicos das sciencias, artes e officios, e as phrases, locuções, idiotismos, adagios, ríffões, proverbios, formulas familiares e literarias, onde figura cada vocabulo, auctorizando-as com centenas de milhares de textos colhidos nos bons auctores de todas as épocas. «A perfeição dos grandes dicionarios, como hoje se compõem e publicam, exige, diz elle, que a cada palavra, a cada accepção, a cada phrase, a cada modismo corresponda a citação de algum escripto, em que se encontre exemplificado».

Para a continuação do trabalho, propoz no final do seu relatorio, entre outras medidas, as seguintes:

1º Que se nomeasse uma commissão para examinar os trabalhos já realizados e dar a sua opinião sobre elles.

2º Que a parte do dicionario que ainda restava por fazer, se dividisse em duas ou tres

secções, ficando a primeira a continuar na letra E (escripta até Er) a cargo do director, ajudado por um ou dous collaboradores.

3º Que se nomeasse para cada uma das secções restantes um director especial com o seu respectivo collaborador, devendo os diversos directores communicar-se entre si, para haver perfeita uniformidade quanto ao plano e redacção.

Ultimamente a Academia nomeou uma comissão para os trabalhos do Diccionario; mas infelizmente não puderam ter andamento pelo motivo constante do Boletim da Seg. Classe, IX, 468 a 71.

*
* *
*

Fundada em 1897 a Academia Brasileira de Letras, bem era tomasse a seu cargo promover a publicação do diccionario, objecto principal das corporações do mesmo genero. Poderia facilmente obter a valiosissima cooperação da Academia das Sciencias de Lisboa.

Disto, porém, não cogitou, segundo attesta o seu Regimento primitivo (de 28 de Janeiro de 1897), onde se lê:

«Art. 24. Além de outros meios que a Academia possa mais tarde adoptar para preenchimento de seus fins, propõe-se desde já:

a) a organizar um annuario bibliographico das publicações brasileiras que apparecerem no paiz ou no exterior;

b) a colijir dados biograficos e literarios, como subsidio para um dicionario bibliographico nacional;

c) a organizar um vocabulario critico dos brazileirismos introduzidos na lingua portugueza e em geral das differenças no modo de falar e escrever dos dois povos;

d) a colijir e imprimir as produções de escritores nacionaes que estejam ineditas e auxiliar a impressão de obras de valor literario que não encontrem editor;

e) a conceder premios ás composições literarias que os merecerem».

Até 1909, o unico trabalho a que se consagrara (além da questão de saber se Brasil deve escrever-se com s ou com z) foi a reforma orthographica, ultimamente desprezada por inadmissivel.

Seis annos antes, em 1903, sahira a monumental *Replica* do Conselheiro Ruy Barbosa, na qual se lê (n. 22):

«Respeito ao idioma, saiu escripta no que elle mesmo desvanecidamen-

te chama «o dialecto brasileiro», surrão amplo, onde cabem á larga, desde que o inventaram para socego dos que não sabem a sua lingua, todas as escórias da preguiça, da ignorancia e do máo gosto, rótulo americano daquillo que o grande escriptor lusitano tratara por um nome angolês. Lá encontrará o ouvido vernaculo todos os stygmas dessa degeneração, em estado colliquativo, do idioma em que escreveram no Brasil, Gonçalves Dias, Francisco Lisboa e Machado de Assis».

Em outro lugar (n. 423) da mesma *Republica*:

«Depois então que se inventou, apadrinhado com o nome insigne de José de Alencar e outros menores, «o dialecto brasileiro», todas as mazellas e corruptelas do idioma que nossos paes nos herdaram, cabem na indulgencia plenaria dessa forma da relaxação e do desprezo da grammatica e do gosto. Aquella «formosa maneira de escrever», que deleitava os nossos maiores, passou a ser, para a orelha destes seus tristes descendentes, o typo da inelegancia e obscuridade. Ao sentir de

tal gente, quanto mais offender a linguagem os modelos classicos, tanto mais melodias reune; quanto mais distar do bom português, mais luminosidade encerra. As bossas da palavra recheiaram-se-lhe de francês, ligeiramente lardeado ou trufado ás pressas de inglês e allemão. De todos esses idiomas, afinal, todos mal sabidos, haurido na sciencia de cada um apenas o *quantum satis* para o trato dos livros, a que a profissão, ou a curiosidade os attrae, fica-lhes sendo a nossa apenas a menos mal conhecida entre as varias linguas estrangeiras, cuja cultura cultivam».

E pouco depois (n. 425):

«Direi que o estaria em brasileiro, a quereremos enxovalhar, contra a minha opinião, este adjectivo, associando-o ao abandono dos bons modelos da linguagem, cuja historia, cujos monumentos e cujos destinos se entrelaçam com os da nossa raça e os da nossa nacionalidade».

De perfeito accordo com essas idéas do insigne Mestre, assim doutrinava outro academico (*Dicc. Grammat.*, 3^a ed.):

«Brasileirismos. É a expressão que damos a toda a casta de divergencias notadas entre a linguagem portugueza vernacula e a falada geralmente no Brasil...»

Dizendo depois que «ha quem dê ao conjuncto dessas divergencias o vaïor de dialecto», accrescenta que, ainda accêitando essa opinião, de accordo com o conceito amplissimo de Whitney, seria de todo inadmissivel dar ao dialecto brasileiro os foros de lingua literaria; pois a sua emancipação «se não é de todo inexequivel (em remoto futuro) é seguramente, pelo menos, prematura».

Ajunta, em nota:

«Até hoje, tem sempre predominado o elemento classico, com as devidas concessões aos que tudo querem, e desejam a licença de falar e escrever a seu talante».

Cita, em seguida, vocabulos usados no Brasil (aião, bahiano, lazão, saxuga, birro, etc.); e diz: «São vicios todos de origem popular, que não poderiam passar á lingua literaria».

E conclue affirmando que «a literatura brasileira tão cedo não deixará de ser um dominio da lingua immortal de Camões».

À vista dessas idéas de dois dos seus membros mais auctorizados, a Academia que, segundo vimos, a nenhum trabalho se entregara até 1909 além da reforma orthographica, tratou de elaborar o Novo Regimento Interno (18 de Junho de 1910), no qual projectou a composição de um diccionario etymologico e historico da lingua portuguesa.

Para a execução desse grandioso projecto nada absolutamente se tem feito; parecendo-nos que se não pensa em pol-o por obra. Attentou-se talvez nas difficuldades do emprehendimento.

Verdadeiramente essas difficuldades são muitas, e sobremaneira escabrosas.

Bastaria lembrar o que succedeu quando Voltaire propoz adoptasse a Academia Francesa, na revisão do seu diccionario, novo plano, igual ao que a nossa Academia se obrigou a realizar.

Taes objecções lhe oppuzeram, que elle, precisando mostrar como era facil a execução do seu plano, procurou apresentar em poucos mezes todo o trabalho comprehendido na letra A. Esgotaram-se-lhe as forças; e veiu a succumbir poucos dias antes da sessão em que se devia votar definitivamente o sobredito plano. E assim a revisão do trabalho de 1762 continuou da mesma forma por que se estava fazendo.

Em Portugal, a Academia Real das Sciencias, resolvendo rever e completar o manuscri-

pto de Ramalho, não se aventurou a vencer as difficuldades que offerece a elaboração de um diccionario historico.

Latino Coelho, no seu relatorio apresentado em 1871, assim se expressou:

«São tantas, e algumas tão esca-
brosas, na presente conjuntura as dif-
ficuldades que se oppõem a emprehen-
der tal monumento literario, que não
é intenção desta Real Academia pôr
agora o peito a esta empresa, para a
qual seriam precisos largos annos de
leituras e locubrações».

E propoz um plano mais modesto, segun-
do o qual o diccionario deveria redigir-se de
accôrdo com as seguintes indicações:

1º — A palavra escripta com a orthographia
que a Academia adoptasse.

2º — A pronuncia correcta da palavra, ex-
pressa por um modo em parte phonetico, em
parte convencional, attenta a insufficiencia dos
caracteres romanos para dar todos os sons da
lingua.

3º — A indicação lexicographica da palavra
e as flexões differentes, á que é sujeita para
indicar os numeros e os generos, quando ellas
se afastam das regras geraes.

4º — As varias significações de cada ter-

mo, a começar dos que na ordem logica, se reputam primitivos, e descendo por suas transições naturaes até aos sentidos translaticios.

5º — A citação dos textos classicos, quando sejam necessarios para auctorisar a palavra e as suas diversas accepções.

6º — As mais notaveis phrases, modismos, proloquios e adagios, que se referem a cada palavra.

7º — A regencia de cada vocabulo, e a sua distincção, quando é diversa, segundo as accepções em que é tomada.

A composição de um dicionario da lingua portuguesa, de accôrdo com essas indicações, sem ter as difficuldades do dicionario historico e etymologico, não traria gloria menor á nossa Academia.

Em toda a parte haveria pessoas dispostas a prestar o auxilio de suas contribuições, mandando palavras colhidas em escriptores brasileiros e portugueses, e ainda não registradas nos dictionarios. A indicação dos auctores, da pagina e edição das respectivas obras, facilitaria a verificação; se o nome do escriptor não o tornasse dispensavel.

Demais disso, o dicionario assim redigido constituiria a melhor defesa do nosso idioma, agora seriamente ameaçado.

Estimei sempre em muito a missão da Academia Brasileira de Letras destinada a ser «a

guarda da nossa lingua» (Machado de Assis); a «tudo empenhar para secundar o esforço dos que se consagram á pureza do nosso idioma» (Nabuco).

Avulta sobremaneira a importancia da sobredita missão, e portanto, a responsabilidade dos academicos, agora que se nos abre um periodo, em que frequente e dilatado contacto de outros povos; maior influxo de outras civilizações; e consequentemente mais forte influencia de linguas estrangeiras vão submeter á prova decisiva a admiravel resistencia do nosso idioma.

Penso por isso que a illustre corporação devia cuidar do diccionario da nossa lingua, revendo o trabalho já muito adiantado, e forçando por concluil-o.

Assim poderia sahir-se gloriosamente quando tivesse de mostrar os títulos da sua actividade literaria, os documentos de zelo da lingua.

Então caber-lhe-ia ao justo, aquillo de Brunetière:

«Bref, la veritable gloire de l'Academie n'aura pas été d'être un Cena-ele de hommes de lettres; mais bien d'avoir maintenu l'unité générale de la langue».

Infelizmente, porém, desprezando o seu grandioso projecto de um diccionario etymolo-

gico e historico da nossa lingua, deixou de adoptar o (da Academia das Sciencias de Lisboa, menos ambicioso, mas igualmente benemerito de applausos; e voltou a consagrar-se ao vocabulario de brasileirismos, com o qual pretende commemorar o centenario da nossa independencia.

Referindo-nos aos primeiros trabalhos, publicados nos tres primeiros numeros da *Revista*, dissemos não se ter posto nelles o necessario cuidado. Receiamos aconteça o mesmo agora.

Não se estabeleceram préviamente regras tocantes á escolha dos auctores, e ao rebusco dos vocabulos e phrases. Tudo se deixou ao arbitrio dos diversos academicos; e não ao criterio uniforme de uma commissão especial, ou da commissão de lexicographia (cujos membros, a eleição de seus pares, confirmando, aliás a opinião geral, attesta, serem os mais competentes no assumpto).

Pelo menos, é o que fazem suppor as noticias mandadas para a imprensa. E de caminho notaremos que, sendo essas demasiado minuciosas no que respeita a factos de somenos importancia, nada infelizmente informam sobre as considerações dos academicos; o que é deveras lamentavel, tratando-se de assumpto que interessa a todos os que falam portuguezs.

O que nellas se lê é o seguinte:

«Passa-se após a tratar do estudo sobre brasileirismos. Acerca do methodo a estabelecer-se falam os Srs. Alencar e Laet. O Sr. Austregesilo, communica escolher a obra de Franklin Tavora, para della extrahir a contribuição que lhe caberá fazer de expressões proprias do nosso paiz... O Sr. Felintho de Almeida declara continuar os estudos que já iniciou no *Inferno Verde*, de Alberto Rangel. O Sr. Luiz Guimarães Filho escolhe «*Heroes e Bandidos* de João do Norte; *Meu Sertão* de Catullo Cearense, e *Quem conta um conto* de Cornelio Pires. Os demais academicos ficaram de dizer mais tarde os livros que preferem manusear».

Tão pouco nos dizem essas noticias se previamente se fixou o alcance do vocabulo *brasileirismos*.

Registrará o vocabulario sómente dicções peculiares dos brasileiros, alterações no sentido das palavras e maneiras especiaes de dizer-se entre nós o que em Portugal se expressa de outro modo; ou tambem nomes de coisas que só existem no Brasil; ou ainda os chamados termos «pan-americanos»?

Se se tratasse de um dicionario da lingua portuguesa, andar-se-ia com segurança, em terreno perfeitamente desbravado. São bem conhecidos os documentos da boa linguagem, nos quaes todos os academicos teriam de estribar-se.

Além disso, já está feito, e muito adiantado, trabalho solido, que facilitaria a conclusão do edificio.

O mesmo não acontece com o projectado vocabulario. Cada um dos termos, venha donde vier, terá de submeter-se a rigorosa verificação, a minucioso exame, antes de obter ingresso nelle. Somente assim evitar-se-ão os damnosos contrabandos de que nos fala Castilho.

Ainda que se trate de escriptores de boa nota, pode ser que em suas obras se nos deparem termos peregrinos, o parecer bem formados, mas sem o cunho e os requisitos necesarios para figurarem no vocabulario academico.

É possivel tambem que pretendam lugar entre os brasileirismos expressões portuguesissimas, indo-portuguesas, africanas, etc.; e ainda vocabulos corruptos, absolutamente inadmissiveis. Temos visto e ouvido muitas vezes o nosso *tudesco* mudado no italianismo *tedesco*; e os termos *acachapado*, *barboleta*, *caimbras*, *campoteira*, *capucho*, *çotimplora*, *cordavão*, *conçoeira*, *estrambotico*, *modorna*, *mindinho*, *afressurado*, *pelancas*, *cacarecos*, *trincal*, *viandande*, em lugar de *acaçapado*, *borboleta*, *camaras*, *compoteira*, *capu-*

lho, cantimplora, cordovão, couçoeira, estrambotico, modorra, meminho, aforçurado, pelhancas, cacareos, tincal, vinha d'alho.

Haverá também os termos novos, com os quaes escriptores auctorisados tenham sabido acudir ás precisões de uma linguagem mais apropriada e expressiva, como tem feito muitas vezes o nosso Ruy Barbosa; e esses com que os mestres enriquecem o idioma, não devem considerar-se brasileirismos.

Ao passo que para entrar um termo no diccionario portuguez basta que auctores consagrados o abonem, tratando-se do vocabulario de brasileirismos, é indispensavel saber não sómente que escriptores brasileiros o empregaram; mas também se o encontramos, com a mesma significação, nos portugueses; principalmente examinal-o á luz da sciencia da linguagem, e ver se é ou não conciliavel com o genio da nossa lingua.

Diz com razão um trabalho recentemente publicado: «Se cada individuo que escrever um livro ou artigo empregar metaphoricamente e a seu bel prazer vocabulos de significação assentada, no fim de pouco tempo ninguem se entenderá».

Que será quando a liberdade, em vez de cingir-se a metaphoras, passar a não ter mais limites?

Procedendo-se levemente, veremos repeti-

rem-se os enganos havidos nas contribuições já publicadas, nas quaes se encontram vocabulos genuinamente portugueses, indo-portugueses, africanos, «pan-americanos», etc., além de outros que são corrupções de termos portuguesissimos; e que a todo o tempo lembrariam aquillo de um dos mais insignes mestres no assumpto.

«Observaremos que ha muitos termos no uso popular desfigurados e pervertidos, cujos exemplares puros existem nos autores classicos; mas por estes serem já tão desconhecidos como os mesmos autores prevalecem os corruptos, de maneira, que ainda as pessoas bem educadas, os tomam por palavras de uso, cuidando que assim são, como soam, e porque não têm á mão as palavras sans, para as combinar e discernir, assim as empregam, como as ouvem, e falam, ou escrevem ás vezes bem barbaramente aquelles mesmos que deviam ser exemplos de linguagem pura e correcta».

Carecemos de auctoridade para essas considerações. Fazemol-as, não obstante, porque o assumpto nos toca, interessando-nos tanto como aos senhores academicos; e ainda pelo receio de ver expressões que não merecem entrar na

caudal da nossa lingua, lograrem registro no vocabulario da Academia, que, assim, dar-lhes-ia curso.

Porque Julio Ribeiro occupando-se de flexões diminutivas registrou (Castilho): «Eu e ella andamos... *passeandito* a par», outro eminente philologo não teve duvida em acrescentar: «A alguns diminutivos costuma-se juntar a locução — *da Silva*, que lhes torna mais intensa a significação: *pintadinho da Silva*, *raladinho da Silva*».

Poderia então completar — «*da Silva e Mello*», que temos ouvido muitas vezes, e juntar: *umzinho*, *assimzinho*, *estezinho*; e, no tocante a expressões augmentativas, a locução *p'ra burro*; e outra não menos frequente.

Não sabemos onde irão, nesse andar, os nossos grammaticos. Maior receio, entretanto, nos causaria a composição de um vocabulario academico de brasileirismos, sem os cuidados indispensaveis.

Desejosos de figurar no catalogo dos auctores com que o mesmo vocabulario deve abonar-se, muitos escriptores, soltando as velas ao talento inventivo, iriam transformando o nosso bellissimo idioma.

Em pouco tempo já passámos de *silenciar* e *solucionar* para *homenagear* e até para *ser caducado*; e agora mesmo estou vendo o seguinte passo de um dos nossos literatos: «... des-

de 1905 *ingressou* no corpo diplomatico...» O *ingressar* já figura no diccionario de C. de Figueiredo. De homenagear chegaremos a *vas-salagear*; e de *ser caducado* iremos a *ser pe-remptado*, *ser prescriptado*, *ser extinctado*, *ser fallidado*, *ser rescindido*, *ser avulsado*, *ser ad-didado*; e talvez a *ser commissado* (em vez de *ser declarado em comisso*); *ser sem effectuado* (por *ser declarado sem effecto*); e *ser em dis-ponibilisado* (*ser posto ou declarado em dispo-nibilidade*).

É de todos os dias o *candidatar-se*; virão depois *aspirantar-se*, *pretendentar-se* e ainda *con-cursar-se*. Já se usa *odontolando*, que justifica-ria *philololando*, *ethnololando*, *anthropololando*, e tambem *bibliotheconomiando*, etc.

Annuncio publicado ultimamente promette bom ordenado a — *jueiras* habilitadas. Deve ter por certo o annunciante que os interessados sabem denominar-se *jueira* a pessoa que tra-balha em *point á jour*. Na parte editorial de um jornal já vimos: — *reclamaram gritadora-mente*.

Se isso era possivel quando não se recom-mendavam os brasileirismos, imaginemos que sur-presas nos reservarão escriptores apostados a conquistar a gloria de augmentar-lhes o nu-mero.

A grande perigo nos expõe a Academia se não tiver muito cuidado e perspicacia na verifi-

cação dos titulos com que os termos e locuções colligidas pretenderem lugar no vocabulario.

A prova de ser fundado o nosso receio está nas proprias contribuições já acceitas e publicadas.

*

* *

Tratando aqui do diccionario da lingua portuguesa, não devo deter-me no exame dos bra-sileirismos constantes da *Revista da Academia*. Largo espaço tomaria esse exame, que pede estudo especial. Limito-me, por isso, a brevis-simas considerações, deixando de parte os ter-mos que são propriamente *americanismos*. Esses, oriundos quasi sempre do tupi-guarani, têm au-gmentado por igual a riqueza das linguas portu-guesa e espanhola. Figuram nos vocabularios de Granada, Ciro Bayo, e outros; e é de razão que tambem os nossos o registrem.

Neste particular noto somente a inclusão de algumas expressões que, segundo me pare-ce, o uso não introduziu em nossa lingua.

Antes de mais nada, apresentarei as du-vidas que me suggere o primeiro vocabulo cons-tante das contribuições publicadas — *Abaruna*.

Lê-se na 1ª contribuição:

«ABARUNA. — s. m. homem negro (vestido de preto) padre... Alencar — Minas de

Prata, III, 356». Encontra-se o mesmo no *Diccionario* de Candido de Figueiredo.

Com igual significação, Braz da Costa Rubim e Macedo Soares registram *abuna*.

Esse ultimo, escreve:

«*Abuna*, s. m., padre, frade: nome que os indios das Missões davam aos jesuitas, alludindo á sua roupeta negra. Etym. — Br. s, *ab* (à) homem — ad *una* negro, preto».

E Rubim:

«*Abuna*. Do guarani *aba*, homem, *hû*, escuro ou preto. Nome com que alguns indigenas civilizados designavam os jesuitas, por causa do habito preto».

É possível que o vocabulo *abaruna*, encontrado nas *Minas de Prata*, esteja, em virtude de um erro de impressão, em lugar de *abuna*, ou *abauna*. Como termo da lingua geral (tupi-guarani) deveria ser *abau-na* — homem preto; ou *abaréuna* — sacerdote preto. Na composição de outras palavras — *abá* e *abaré* conservam a ultima vogal (Vej. Baptista Caetano e Montoya).

Abuna, porém, é de origem arabica; segundo atesta Fr. Domingos Vieira, em cujo *Diccionario* vemos:

«ABUNA. — (Do arabe — *abu*, pae, e *na*, nosso). Nome que os abexins ou christãos da Ethiopia dão ao seu metropolitano.

Abona-se com João de Barros — *Decadas*, 3ª fol. 87 col. 3; e Fr. Bernardim — *Hist. da Ethiopia*.

A mesma cousa está em Bluteau, Moraes, Constancio, Faria e em Fr. João de Sousa — *Vestigios da lingua arabica em Portugal*, onde se lê, na palavra — *Abuna*:

«He o titulo que os Christãos no Oriente dão aos sacerdotes. Significa nosso pae, ou nosso padre. He composto de *abu*, pai, e do pronome *na*, nosso. Depois que os Abexins tiveram noticia da fé de Christo, nunca tiveram mais que hum bispo a que chamam — *Abuna*. *Historia Geral da Ethiopia*, por Fr. Bernardino, cap. 38 p. 93.

A expressão foi introduzida no Brasil com a mesma significação de *padre*, *frade*; segundo se vê em Macedo Soares, que, ac-

crescentando alludir á roupeta negra dos jesuitas, procurou com essa explicação tornar accetivel a etymologia, que propoz.

Mas, adoptando-se no Brasil a mesma expressão para nomear os jesuitas, que eram brancos, sobre muito respeitados, não era natural se lhes fosse associar a côr negra da roupeta; em vez de significar o respeito que se lhes consagrava.

É possível que não tenham fundamento essas duvidas, e resultem da nossa ignorancia da lingua tupi-guarani. Ainda nesse caso, parece-nos, o vocabulo *abaruna* só teria direito a figurar entre os brasileirismos se o uso o tivesse consagrado. Nunca, porém, se usou entre nós que eu saiba; e sómente occorre numa das muitas obras de Alencar; talvez por engano do typographo.

Passemos agora aos vocabulos que a nosso ver não devem figurar no vocabulario academico. Por amor á brevidade, aponto sómente alguns, fazendo as annotações indispensaveis.

«ABENÇAM. — s. f., bençam»,

Não é brasileirismo, sinão sómente um caso de prothese: do mesmo modo que atambor, avoar, alembrear, alimpar, alevantar, assentar, alagoa, etc.

«ACOCHAR. — v. a., apertar, comprimir».

Macedo Soares, que registrou o vocabulo (*Dic. Bras.*) com a significação de conchegar apertando, calcando, diz que parece ter-se antiquado em Portugal, pois Aulete o não inclue.

De accordo com Macedo Soares, e com a contribuição publicada na «Revista da Academia», Candido de Figueiredo o registra com a mesma significação de *conchegar, apertando* ou *calcando*; e põe-lhe o signal de novo, e a nota de — *brasileirismo*.

Vejamos, não obstante, outros dictionarios:

Moraes: «*Acochar*, v. at. acamar apertando as cousas que se enfardam, as palhas da tabua, e outras de que se fazem obras; aconchegar *acochar-se*, por *agachar-se*, v. e v. *enconchar*».

Constancio: «*Acochar*, v. a. (*a* pref. e *cogo* ou *coago, ere*, Lat. acamar, atar, ou *coaggero, are* amontoar), acamar ápertando, v. g. fardos; conchegar calcando, torcendo, v. g. cordas».

Ed. de Faria: «*Acochar*, v. a. — Acamar, apertando as coisas que se enfardam, conchegar».

Fr. Domingos Vieira: «*Acochar*, v. a. (Do latim *calcare*...) Acamar, apertando o que se enfarda, conchegar, calcar, torcer...

Adolfo Coelho: «*Acochar*, v. a. Acamar apertadamente...» Em nenhum figura a nota de ant.; e o de Silva Bastos (de 1912) traz a de usado em Traz-os-montes, com a significação de *acamar apertando*.

«ALÇAR-SE. — v. pr., fugir o gado domestico dos apriscos e tornar-se selvagem».

O exemplo, com que se pretende justificar a definição, diz textualmente: «Com a sêca o gado afasta-se, entra pelos bosques em busca da sombra e do fresco, indo ai lamber o terreno humedecido do relento das noites ou a terra salitrosa e sempre humida dos barreiros; alça-se pela sede, principalmente, indo procurar onde possa matal-a».

O ser a acção do verbo exercida aqui pelo gado não era razão para definir-se — fugir o *gado*; muito menos — fugir o gado *domestico dos apriscos*. Nem o ir procurar agua onde exista, quer dizer — *tornar-se selvagem*. O que, segundo parece, influiu na definição foi o que se lê em Granada (*Vocab. Rio-platense*): «*Alzado*, da, ad. — Se dice (del animal o ganado que, *viviendo* ordinariamente *bajo la dependencia del hombre*, se ha *sustraido à su dominio y anda libre* como el cimarrón o *salvaje*. Por lo

regular se oculta entre el monte, de donde sale solamente à comer y beber».

Mas o mesmo Granada, que registra somente *alzado*, e não *alzar*, ou *alzar-se*, acrescenta: «Los Codigos rurales del Rio de la Plata dicen: ganado, hacienda alzada: la *que no obedece à rodeo*, definicion tan breve como inequivoca».

Ora, *alzar-se* sempre teve, entre outras, a significação de *levantar-se*, *sublevar-se*, *rebelar-se*, *rejugar-se* ó *acogerse*; e de *retirar-se*, *apartar-se de algum sitio* (*Dic. de la lengua cast.* por la Academia esp., 9º ed.; D. Roque Barcia — *Dic. general*).

Em portuguez tem as mesmas significações, segundo attestam os nossos lexicographos, desde Bento Pereira («*Alçar-se*, id. est, *rebellar-se*. Rebello, as») e Bluteau.

«ALUÁ. — s. m. bebida de farinha de milho torrado com agua adoçada, (1ª contribuição); «s. f., bebida refrigerante feita de fubá de milho ou de arroz, com açúcar e outros ingredientes».

Figura na 1ª e na 2ª contribuições. Já figurava na lista de Pacheco Junior, *Gram. hist.* (1878), p. 142; mas não é brasileiro. Significando um doce confortativo usado em todo o Oriente passou a designar, entre os pretos, na Africa e no Brasil, uma

especie de cerveja fabricada com cereaes, reduzidos a farinha, cosidos em agua, e fermentados, depois de adicionar-se-lhes mel. Ha longos annos se acha incorporado em nossa lingua, do mesmo modo que um numero innumeravel de outros termos asiaticos. Veja-se Bluteau (*aloá*), Moraes, D. Vieira, Lima Leitão, Dalgado e Granada.

«ANANAZ. — s. m. Fruta — Bromeliacer»,

Ou venha do guar, *anânâ*, ou do peruano *nanas*, ou do malaio — *ananas*, *anas*, *nanas*, *ninas*, o termo — ananás pertence á caudal da lingua portuguesa, como da hespanhola; segundo o attestam os mais auctorisados lexicos.

Consagra-lhe grande espaço o *Dicc. da Academia*, que transcreve a extensa noticia de Garcia de Horta, onde se lê: «Dá-se esta planta naturalmente ou por beneficio da cultura na America Meridional, nas Indias Orientaes, e na Africa».

Domingos Vieira, registrando o vocabulo, e abonando-se igualmente com Garcia de Horta, diz: «...nome vulgar da bromelia ananás, planta da India e da America Meridional...»

Os dictionarios hespanhóes tambem

mencionam com o nome de *ananas* a *bromelia ananas*, *ananas sativa* de Linn.

«APERCEBER-SE. — v. pr., notar, perceber, A filha do Galvão, distraída, de nada se apercebera. J. de Alencar, Til, t. II, paj. 167».

Aperceber-se, que em portuguez se usa com a preposição *para*, significando — *aparelhar-se*, *preparar-se*, etc., traz no passo de Alencar a preposição — *de*, significando — *notar*, *perceber*. Não é brasileirismo; sinão gallicismo intoleravel. Veiu de *s'apercevoir* — *connaître*, *remarquer*, usado com a preposição *de*, que o nosso *aperceber-se* absolutamente não admitte.

«ARRANJO. — s. m., cabedal, fortuna».

Não é brasileirismo. Aulete o registra com as seguintes significações (entre outras): «economia domestica, mobilia, utensilios, loiça, prata; e accrescenta»; (Pop.) Ter o seu arranjo, ter com que ir vivendo, ou boas roupas, mobilia, etc...»

Já se nos deparava o mesmo em Fr. Domingos Vieira, que explica: «em linguagem familiar: utensilios, mobílias, commodidades...» E em Cand. de Fig. desde a 1ª edição: «economia, mobilia de casa; aconchego».

«ASSISTIDA. — adject. v. regrada, diz-se da mulher quando se acha no periodo catamenial».

Cita-se R. Theophilo, *O Paroara*, paj. 112.

É outro vocabulo portuguesissimo, segundo se vê nos dictionarios da lingua, desde a 1ª edição de Moraes, onde se lê:

«*Assistido*, p. passado de assistir, mulher —, que tem o seu menstruo».

Domingos Vieira diz: «Assistida, s. f. (Formado do adjectivo participio, mas tornado substantivo elliptico). Aluada, menstruada, regulada; saída. Diz-se das mulheres quando têm o fluxo mensal, e tambem dos animaes. Recolhido por Moraes».

«ATA. — s. m. fruta, semelhante á do conde, especie de pinha (anonacea»).

Ignoramos as razões por que se incluiu esse vocabulo na lista dos brasileirismos. Talvez tenha influido sómente as circumstancias de tratar-se de uma fructa indigena, que não existe em Portugal. É muito pouco; pois a ateira tambem existe na India; e ha quem indentificando-a com a *Anona squamosa*, filie no sanscrito o seu nome indiano — *ata*.

Eis o que diz o insigne Dalgado:

«*Ata*. Fruto da *Ateira* — *Anona squamosa*, Linn. Dá-se-lhe tambem o nome de fruta do Conde... É muito intrincada a questão da patria e da etimologia de *ata* e de *anona*, cujos nomes se trocam e se confundem por vezes... Cunningham identifica-a com *Anona squamosa*, filia o seu nome indiano *at* ou *ata* no sansc. *atrapäy*, e mantêm que os portuguezes, introduzindo-a na India, não fizeram mais que levar carvão para Newcastle. Max Müller, porém, põe em duvida a existencia do vocabulo *atrapya* no sanscrito verdadeiro; e Yule & Burnell sugerem que se têm inventado nomes sanscritos para muitos objectos só conhecidos nos ultimos seculos. Fundados na auctoridade do botanico holandês Rheede, e em um vocabulario de Manila, presumem estes autores que a *ata* e o seu nome foram para a India do Mexico por via das Filipinas... Cumpre comtudo notar que se a *Anona squamosa* entrou pelas Filipinas, não levou comsigo o nome de *ata*, porque as linguas malaias lhe não dão tal nome, mas o de *nona*, e bem pode ser que *ate* ou *atte* do vocabulario de Manila seja de introdução moderna. A planta é

tambem indigena do Brasil, onde se chama igualmente, *ata* ou *ateira*».

«BARREIRA. — s. f., lugar escarpado e argiloso na margem do rio, livre do mato».

Nesse sentido, de ribanceira, a palavra já estava em Bento Pereira (*Thesouro da Lingua*): «... *Barreira*, id, est, *Ribanceira*. Ripa, æ».

«BATUQUE. — s. m. Dança e ronda de negros».

Não é brasileirismo. *Batuque*, do lândim — *batchuque*, (segundo Dalgado) é na India, «instrumento que de ordinario acompanha o canto e a dança popular, conhecidos por mando»; e na Africa significa a propria dança popular. Já figurava na *Grammatica historica* de Pacheco Junior entre as palavras de origem africana (p. 131 e 143).

«BOIADÃO. — s. m. boiada grande».

Registrando — *boiada*, como termo luso-asiatico, escreve Dalgado: «Os dictionarios dão ao vocabulo o significado de manada de bois. Na India, porém, por *boiada* se entende récuá de bois, que transportam carga em costais». Entre outras abonações traz uma de Duarte Barbosa (1516).

Simple augmentativo de *boiada*, não

deve *boiadao* figurar como brasileiroismo. Está no mesmo caso *brechão*, que Macedo Soares já tinha registrado, declarando ser augmentativo de *brecha*.

«BRAZIL (fazer) — Loc. Era a frase com que os colonisadores portugueses designavam a derrubada e prontificação do pau brazil para commercio e embarque. (Nota de A. J. de Mello),

Locução que usaram entre nós os colonisadores portugueses, não deve considerar-se brasileiroismo; tanto mais quanto o seu uso não se generalizou no Brasil. Terá sido a circumstancia de figurar na expressão a palavra — *brasil* a que influiu para dar-se-lhe entrada no rol dos brasileiroismos? Mas essa palavra, de origem asiatica (J. Silvestre Rebello — *Rev. do Inst. Hist.* II, 623, Herbelot — *Bibliothèque Orientale*, p. 163) era usada em toda a Europa desde muitos annos antes do descobrimento da America — (Vej. *Rev. do Inst. Hist.* I, 298 a 305; II, 622; Porto Seguro — *Hist. Ger. do Bras.*, 3ª ed. rev. por Capistrano de Abreu, p. 35; *Addit. ás Mem. da Acad. Real das Sc. de Lisboa*, XI, 179, art. de Joaquim José da Costa de Macedo; Aug. de Carvalho *Origem do nome — Brasil*; e o recentissimo trabalho de Vignaud so-

bre *Amer. Vesp.*, p. 150, nota 103, muito desenvolvida).

«BROCHAR. — v. tr. vestir», Cita-se uma passagem de França Junior, e declara-se: «...hoje aliás não é mais usado».

Não obstante essa declaração, C. de Figueiredo registra o vocabulo nestes termos: «Bras. Vestir com roupa vulgar».

Não ha quem use brochar nesse sentido. Nada importava que França Junior o tivesse empregado, desde que o uso jamais o consagrou.

«CANGÓTE. — s. m., cachaço, parte posterior do pescoço».

É corruptela de *cogóte*. Na mesma contribuição primeira figuram outras, como *pásso*, que é corruptela de *passaro*.

Não se devem incluir no rol dos brasileiroismos os termos corruptos, nem os que sómente differem dos portuguezes de lei em serem escriptos erradamente, ou erradamente compostos pelos typographos.

«CHOUTEAR. — v. n., acompanhar o laçao o senhor em cavallo choutão».

Choutear é corrupte!a pop. de choutar (de trote e galope — *trotar*, *galopar*; e não *trotear*, *galopear*; com maioria de ra-

zão de chouto, *choutar*, e não *choutear*). Por que no exemplo se trata de laçao, que vae atraz do senhor, não se poderia concluir que o verbo sómente se possa empregar tratando-se de laçao; nem que signifique acompanhar este ao senhor em cavallo choutão. Assim não importaria que o cavallo andasse a passo, desde que fosse choutão, e o laçao (nelle montado) estivesse acompanhando ao senhor. *Choutar* é andar (o animal) de chouto; ou andar (algem) em animal que chouta. Da *Revista da Academia* passou o vocabulo para o *Diccionario* de Candido de Figueiredo, que manda ver Herculano — Monge de Cister. Não encontrei *choutear* no lugar indicado.

«ENTUFAR-SE. — v. p., amuar, Abona-se com o seguinte passo do *Paroara* de R. Theophilo: «Por tudo (a menina) se entufava»; no qual em nota se explica: Amuava. Ha em Português *entufar*, tornar inchado, arrogante; e *entrujar-se*, amuar-se, zangar-se. (Ver o *Voc.* de Gonçalves Viana, e os *Dicc.* de C. de Figueiredo, 2ª ed. e de Silva Bastos).

O *entufar-se* do *Paroara* não será erro typographico, ou uma corruptela de entrujar-se?

«ESPERA. — s. f., sitio remansozo de um rio ou baía, onde os que viajam em canôa esperam a monção propria para proseguirem a sua viagem». Cita-se o *Roteiro corogr. da viagem.*, de Martinho de Sousa e Albuquerque, *Rev. do Inst.* XII, 302.

Moraes registra o vocabulo dando-lhe a significação de «lugar onde se espera alguem ou a caça». Os outros (Constancio, Aulete, etc.) reproduziram essas palavras. Aquelle, encontrando passos onde se tratava sómente da espera de alguem e da espera da caça, achou que devia particularisar esses dois casos; e assim, em vez de dizer — *lugar onde se espera*, ou *lugar onde se espera alguma cousa*, definiu: *lugar onde se espera alguem ou a caça*. Melhor fez Ad. Coelho definindo: «Sitio onde se espera».

No passo, com que se abona a contribuição, o substantivo verbal está usado no mesmo sentido com que o registra Moraes. A sua inclusão entre os brasileirismos sómente se justificaria se houvesse differenciação semantologica apreciavel.

«JACA. — s. f., fruta artocapia».

É termo luso-asiatico, segundo se vê em Dalgado, que o registra assim: «*Jaca* (Ingl. jack, fr. jacque, jacquier...)»

«MECÊ. — (Abreviação ou corrupção de vossa-mercê — o mesmo que vosmecê — você».

É sabido que os primitivos colonisadores introduziram no Brasil vocabulos e phrases de bom cunho vernaculo, os quaes se conservaram entre nós, archaisando-se em Portugal. (Vej. Candido de Figueiredo. *O que se não deve dizer*, XVI).

Facto semelhante póde ter-se dado com certas formas dos dialectos indo-portugueses. No de Gôa, segundo Dalgado, occorrem tamêm, ta-bom, dêstá (deixe-estar) sub (soube), truxe (trouxe), relojo, collejo, abobra, chegou em casa, venha no quarto, parésquê, surjião (cirurgião), alviças; alem de outras, as quaes tambem se encontram entre nós, com pequenas variantes (truve por truxe, surjão por surjião). Em outras formas a mesma identidade se nota.

Bastem por todos os seguintes casos: *a)* syncope de *e*, *o* e *u* postonicos entre labial e liquida: vesp'ra=vespera; temp'ra=tempera... fosf'ro=phosphoro; abob'ra=abobora (donde abobreira); discip'lo=discipulo...; *b)* o *e* medial tem o mesmo som em mel e melar; e degenera ás vezes em *i* na primeira syllaba, melhor, piqueno, minino, senhor, cimiterio, pipíno; *c)* Os verbos de movimento pedem algumas vezes a preposição *em*: Chegou em casa, venha

no meu quarto; *d*) Bater e pegar são activos: Bater a porta; bati-o bem; pegue o meu livro; *e*) Pospõe-se ao verbo o pronome regimen: Difficilmente pagão-se as contas atrasadas; que é-me natural; que são-lhes assacadas; elle não cansava-se em insultar. (Vej. Dalgado — *Dialecto Indo-Port. de Gôa*).

No dialecto indo-português do Norte (cit. Dalgado) occorrem as abreviaturas *cê*, *oscê* e *ucê* (por *você*), igualmente usadas entre nós na linguagem da plebe.

Devemos estabelecer por sem duvida que essas abreviaturas, e a outra *mecê*, são differenciações dialectaes brasileiras? No caso de solução affirmativa, devem ter entrada no vocabulario, não obstante occorrerem somente na linguagem do povo inculto do interior de alguns Estados? Dever-se-iam parelhamente incluir *tamem*, *tâ-bom*, *dex-tá*, *óclo*, *relojo*, *collejo*, *surjão* e as demais formas somente usadas na linguagem da gente inculta.

Juntando ás formas porventura introduzidas pelos colonisadores, os innumera-veis typos phoneticos peculiares do elemento africano, teriamos um volumoso vocabulario, onde encontraríamos:

animá,

ajueiá,

fulô,

<i>capitá,</i>	<i>ispaiá,</i>	<i>inleitô,</i>
<i>currá,</i>	<i>conseio,</i>	<i>antonte,</i>
<i>imborná,</i>	<i>têia,</i>	<i>sabbo,</i>
<i>generá,</i>	<i>têiádo,</i>	<i>pissuido,</i>
<i>coroné,</i>	<i>vêio,</i>	<i>isprito,</i>
<i>jié,</i>	<i>carritia,</i>	<i>vosmincê,</i>
<i>cuié,</i>	<i>grugomío,</i>	<i>vassuncê,</i>
<i>muié,</i>	<i>famía,</i>	<i>vancê,</i>
<i>papé,</i>	<i>ôio,</i>	<i>pru-via,</i>
<i>azú,</i>	<i>uiado,</i>	<i>pru-móde,</i>
<i>baraio,</i>	<i>fôia,</i>	<i>premetê,</i>
<i>chucaio,</i>	<i>baruio,</i>	<i>indução,</i>
<i>cavaiada,</i>	<i>orgúio,</i>	<i>distruído</i>
		<i>(instruído),</i>
<i>foiaje,</i>	<i>vremêio,</i>	<i>pramóde,</i>
<i>fio,</i>	<i>quilaro,</i>	<i>a móde que, etc.</i>
<i>afiado, (filho,</i>		
<i>afilhado),</i>	<i>árve,</i>	

«SOBROÇO. — s. m. (Ceará), grande mêdo, pavor». Cita-se o *Canc. do Norte* de Rodrigo de Carvalho, ps. 61 e 62, onde em nota se explica: «Medo, pavor».

Ouvi muitas vezes o vocabulo no interior de Pernambuco, usado com a significação de receio, com a qual figura no *Diccionario* de Rodolpho Garcia, e no *Lexico de Lacunas*, de Taunay.

Candido de Figueiredo, na 1ª edição do seu *Diccion.* o registrou com a significação

dubitativa de acanhamento, timidez; abonando-se com a *Luz e Calor* de Bernardes, e declarando ser desusado. Depois, conservando essa declaração e aquelle signal, deu-lhe a significação de «embaraço, impedimento»; e accrescentou abonações da *Eufrosina*, 124, e *Filinto*, I, 39 e 357.

O vocabulo já figurava no *Thesouro da Lingua Port.*, de Bento Pereira, edição de 1647, e em Madureira — *Orthographia*, p. 492 da edição de 1739. Bluteau, registrando-o, manda ver o artigo — *Sobrôssô*, onde explica: «Alludindo ao Sobre-osso, que nas bestas he achaque, & manqueyra, chamamos sobre-osso, ou sobrosso ou sobróço ao embaraço que nos molesta, & nos tira a liberdade de fazer alguma cousa».

Abona-se com os seguintes passos (da *Vida de Pedro de Basto* e dos *Cercos de Malaca*): «Que caminhasse sem sobroço, ainda que visse que aquelle tropel lhe seguia o alcance»; «Tirado o sobrosso da nossa armada».

Tambem Moraes (1ª e 2ª ed.) registra *Sobroço* e *Sobreôssô*; e abona-se com o seguinte lanço: «tirando o sobrosso da nossa armada»; «que se o Turco aponta na India, temo muito que nos seja grão sobrosso — *Eujr.*, 2. 5. f. 75 v».

Constancio, Domingos Vieira, Faria e

Gonç. Viana registram igualmente *Sobroço*, e do mesmo modo Bluteau e Moraes nenhuma nota lhe põem, indicando desuso. Ainda se encontra em o *Novo Dicc. Port. Franc.* de Roquete, no *Novo Dicc. da Lingua Port. e Allemã* de H. Michaëlis, sem nota alguma.

Bernardes o empregou não sómente no seu livro *Luz e Calor*, mas tambem nas *Armas de Castidade*, onde vem (p. 133, edição de 1758): «... tinha amiga em casa, e della muitos filhos, tão sem pejo e sobroço, como se fôra casado na face da igreja».

Aqui o vocabulo tem a mesma significação com que sempre o vimos usar em Pernambuco. E não é outro o sentido dos passos com que se abona Bluteau. Basta que attentemos no periodo, onde figura o primeiro: «Quando chegou a Paymel, fingirão que o largarão de todo os Cules, que depouys se ajuntarão, com animo de o entregarem aos Mouros de Paru; porém Deos nosso Senhor o livrou das siladas de huns, & outros inimigos. Porque ali lhe tornou a aparecer hum esquadrão de espiritos malignos, sobre ferozes, & negros cavalos, de notavel grandeza, com tridentes nas mãos; cujo Capitão vinha na dianteyra; & ao tempo em que já de perto intentava descarre-

gar o golpe, sahio um menino de estranha fermosura, & se chegou a ele com grande pressa, animandoo, & dizendo, que tivesse grande confiança em Deos, & caminhasse sem sobroço, ainda que visse que aquelle tropel lhe seguia o alcançe».

Trata-se, portanto, de um vocabulo de bom cunho portugûes, usado entre nós sem alteração de sentido.

«TIPOIA. — s. f., rêde».

Gonçalves Viana, transcrevendo nas *Apost.* uma passagem do *Economista*, onde se diz que figurava na exposição de Antuerpia uma tipoia (rêde) «coberta para garantir dos ardores do sol», diz que o vocabulo, embora pareça africano é termo da India, formado por algum estrangeiro de uma palavra persa-sipai, e do indostano *tripad*, segundo se vê no *Glossario* de Yule & Burnell. Accrescenta que do inglês *teapoy* veio naturalmente o vocabulo para a India Portuguesa, de onde passou para a Africa Portuguesa.

«Aqui, adverte o insigne Dalgado, evidentemente ha equivoco ou erro de informação. Teapoy é usado entre os ingleses na India com o significado de «pequena mesa redonda de tres pés, como indica a sua etymologia. Salvo a similaridade fone-

tica, não tem nenhuma relação com tipoia, que nas nossas Africas, particularmente na Occidental, designa o palanquim de rêde; pois o vocabulo é desconhecido na India Portuguesa». Abona-se com as seguintes passagens: «1854»... era odioso fazer apeiar das tipoias os viajantes, e exigir delles que passassem a pé por sua banza» — A. J. de Castro, in *Bol S. G. L.*, II, p. 55; 1879 — «... e andando carregados de tipoia, como qualquer europeu». Silva Porto, *ibid.*, V, p. 18; 1884 — «... offereceram-me uma tipoia e carregadores». Padre Antonio Brum, *ibid.*, V, p. 49».

A palavra, portanto, não deve incluir-se no vocabulario de brasileirismos.

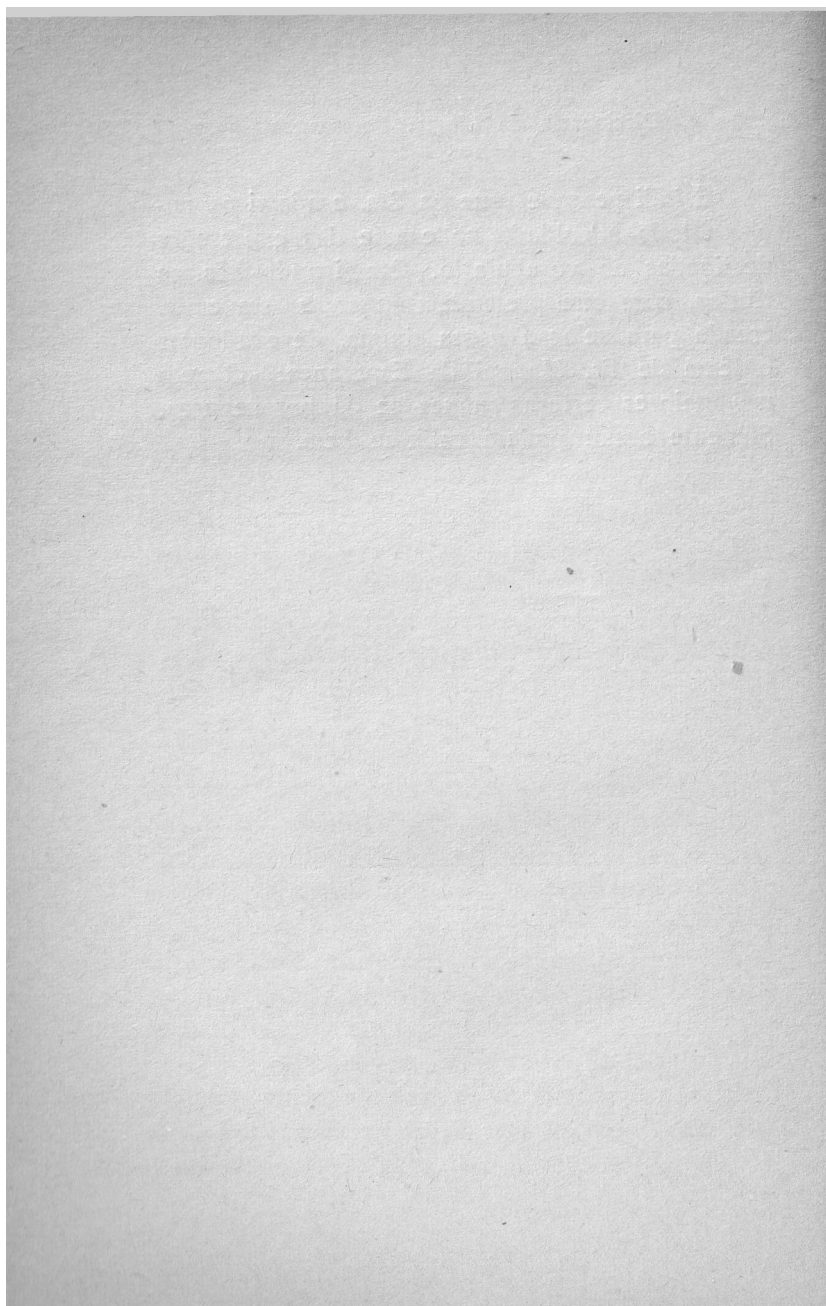
Longe estaria de suspender-se a penna se eu fosse occupar-me de todos os vocabulos que devem ser excluidos das contribuições publicadas na *Revista da Academia*. Estender-me-ia demasiadamente, ainda que me limitasse aos termos portuguezes de lei, cujo uso entre nós não accusa evolução divergente.

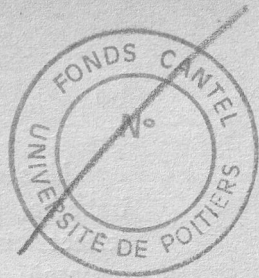
As breves annotações apresentadas satisfazem ao meu intento.

Occupando-me do diccionario da lingua portuguesa, tomei occasião para falar de brasileirismos, porque desejo se exerça a conveniente vigilancia na verificação dos termos colligidos.

É indispensavel que os Srs. academicos ponham todo o cuidado no exame das expressões destinadas ao vocabulario. Examinando-lhes os titulos, com que pretendem lugar, a Academia, creada para zelar a nossa lingua, deve adoptar o lema de Fr. Manoel da Esperança: «O zelo nas maiores certezas, nunca se dá por seguro». Sómente assim poderá sahir-se bem.

Rio de Janeiro, Março de 1920.





VOCABULOS POUCO USADOS

Muitas obras antigas sepultaram-se no olvido, somente por se não conhecerem. Os poucos exemplares salvos da injuria do tempo estão entregues ha muito á voracidade das traças, em bibliothecas publicas, ou nas de bibliophilos que os não lêem, ou os trazem propositadamente escondidos. Quem podia avaliar os quilates do seu valor desconhece a existencia de taes obras, que assim vão ficando cada vez mais ignoradas.

Facto semelhante ocorre com certos vocabulos que, posto prestadios e insubstituiveis, a nossa ignorancia fez cahir em lamentavel desuso. Isso acontece especialmente com os termos technicos das artes e officios.

Tenho por avultado o numero dos que me fazem companhia na ignorancia desses termos. Por isso, entrei em desejo de organizar pequenos vocabularios technicos, ainda que deficientes e sem as gravuras que deveriam acompanhar a definição de certas especies.

Não obstante faltarem-me forças para esse trabalho, dispuz-me a ir carreando alguns materiaes que talvez despertem nos competentes o desejo de pôl-o por obra.

As contribuições que estou preparando, fizeram-me conhecer vocabulos que, embora necessarios, têm deixado de figurar na linguagem corrente, por serem pouco conhecidos.

Lembra-me sempre que leccionando diariamente geometria e desenho uns oito annos, somente depois de muitos mais foi que o acaso me trouxe a conhecimento a palavra com que se expressa o que tantas vezes ensinara aos meus alumnos. Num livro antigo encontrei o seguinte verbo, a que junto a definição de Aulete:

«ESTREZIR — (es-tre-zir), v. tr. (pint. e des) passar (um desenho) de um papel para outro, de uma superficie para outra, picando-o e applicando-lhe pó de lapis ou de carvão, ou fazendo uso do papel transparente e copiando sobre elle, por meio de um lapis ou ponteiro, os contornos do desenho que se quer transportar».

Já tivera muitas occasiões de persuadir-me de minha ignorancia tocante aos termos das artes e officios. Estava, porém, longe de supôr ensinasse tantos annos uma cousa sem sa-



ber o que era. Felizmente, quando me desenganei, já não era professor de desenho, senão somente ledor de livros antigos, que amiúde me estão mostrando quanta cousa desconheço.

São innumeraveis os termos de pouco ou nenhum uso, que merecem usados frequentemente. Apontarei somente alguns, por não tomar demasiado espaço.

ABEGÃO — O que tem a seu cargo a abegoaria.

ABEGOARIA — Lugar onde se guarda gado e utensilios de lavoura.

ACAMPTO — Que não reflecte luz.

ACARRADO — Diz-se do gado de lã, quando busca alguma sombra, unindo-se entre si, e com as cabeças baixas, está como pasmado.

AÇORAR-SE — Sentir-se impellido com ardor ou forte desejo para alguma cousa.

ALABÃO — Gado lanigero ainda de mamma. Contropõe-se a *Aljeiro*.

ALBORQUE — Permutação de cousas insignificantes.

ALÇAR — (No jogo das cartas) Separar ou dividir em duas partes o baralho, para que antes de se dar as cartas, se passe para cima a porção dellas que antes de partidas está por baixo.

ALEGRETE — Receptaculo, ordinariamente feito

- de argamassa, no qual se cultivam flores e arbustos; especie de canteiro.
- ALFEIRO — Diz-se do rebanho de cabras ou ovelhas sem cria.
- ALGIRÃO — Abertura, por onde o peixe entra na armação.
- ALJARCES — Campainha ou chocalhos que se penduram ao pescoço das bestas.
- ALMARRAXA — (Antiq.) Especie de garrafa de vidro ou de metal, com o bojo cheio de buraquinhos para borrifar com a agua que se lhe deita.
- ALMATRICHIA — Almofada com bastas, que se põe sobre o albardão.
- ALMECE — Sôro do queijo cinchado.
- ALMEIDA — Abertura por onde entra a canna do leme.
- AMOTAR — Guarnecer de mota; chegar terra ao pé (da arvore).
- APEIRAGEM — Reunião de todas as peças proprias para jungir os bois ao carro, arado ou outro instrumento agricola.
- ARMELA — Argola ou peça onde entra o ferro-lho da porta.
- ARMENTIO OU ARMENTIO — Rebanho de gado grosso.
- ARNEIRO — Terreno arenoso, esteril.
- ARNELLA — Resto de um dente que fica na gengiva.

ARRACIMAR-SE — Cobrir-se de racimos, tomar a fôrma de cachos.

ARREGOAR — Fazer sulcos ou regos em...

ASSEM — Parte do lombo (da vacca ou do boi) entre a pá e a extremidade do cachaço.

ASSERTOAR — Cortar (o panno) de maneira que uma banda se sobreponha a outra.

ATAVANADO — Cavallo preto ou castanho escuro com pintas ou moscas nas ancas ou nas espaduas.

ATENÇA — Coisa a que alguém se atem ou em que põe a sua confiança.

ATORÇOADO — Moido, feito em troços.

BALLASTRO — Areia calcada que se deita nas vias ferreas.

BARALHA — O que fica no baralho depois de distribuidas as cartas.

BASTA — Ponto grosso com que se atravessa o colchão para segurar o enchimento. O remate do mesmo ponto.

BUCRE — Anel que formam os cabellos frisados.

CABEÇAL — Chumaço em roda de uma ferida por baixo da atadura.

CACIFO — Cesto, caixa, gaveta, etc., para cousas de nenhum valor. Quarto ou recanto pequeno e escuro.

CADILHOS — Fios em franja no final da teia; franja de tapetes, toalhas, etc.

- CALCAR — Fazer pressão sobre um desenho, gravura, etc. para obter se reproduza.
- CALCO — Reprodução de um desenho por meio da penna ou lapis que cobre num papel os traços que lhe estão sobrepostos. Cópia de relevos mediante pressão sobre papel humedecido.
- CALCORRIAR — Andar apressadamente a pé.
- CAMBO — Vara de sacudir ou apanhar fruta.
- CAMIONAGEM — Entrega a domicilio dos objectos vindos por via ferrea.
- CAMPIR — Fazer os pertos e os longes nos quadros, representando o horizonte e os céus.
- CAPIALÇO — CAPIALÇADO — Côte obliquo na parte superior das portas e janelas para dar mais luz á casa.
- CAPILHAS — Exemplaes de publicações que se dão como propinas aos typographos que nellas trabalharam.
- CHAPINHAR — Agitar a agua dando-lhe de chapa com as mãos ou pés. Bater a agua em alguma coisa quando cahe.
- CHILIDO — Voz agúda dos passarinhos.
- COOPTAÇÃO — Acção de associar. Admissão extraordinaria numa sociedade com dispensa das condições ordinarias.

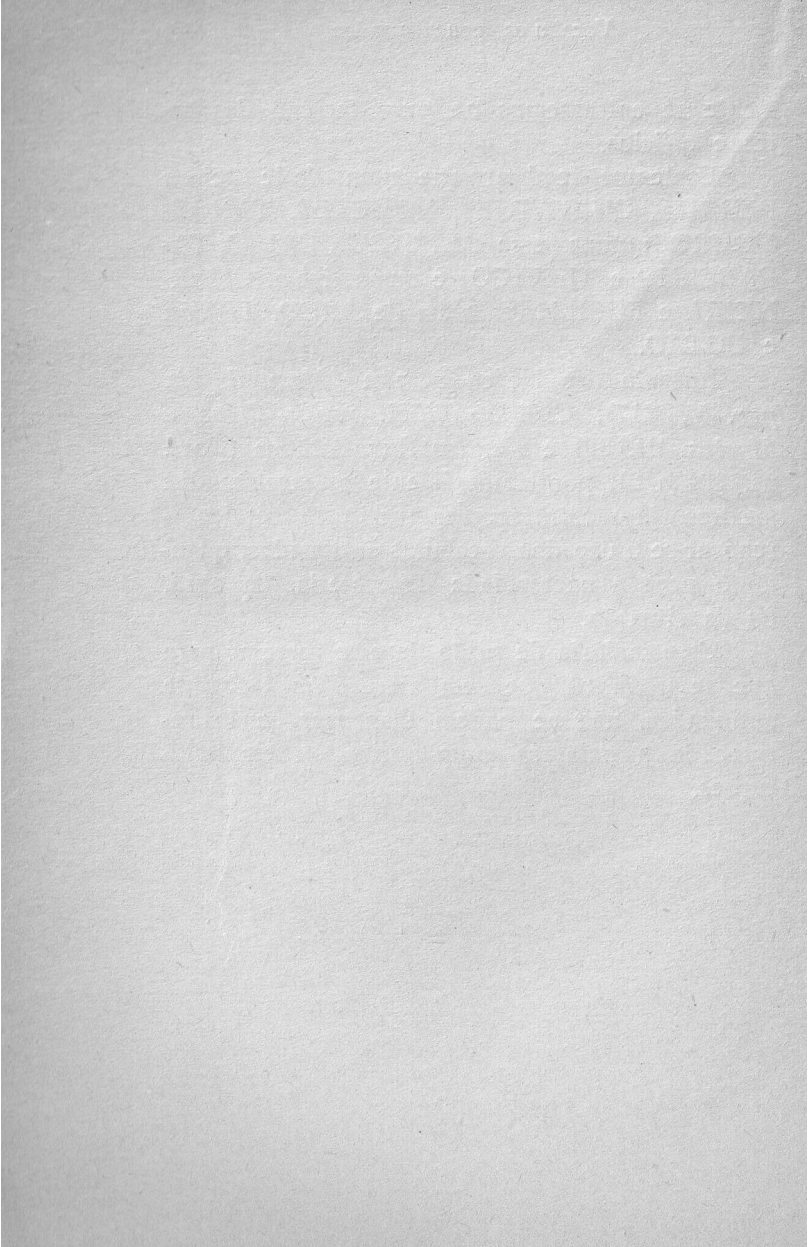
Iriamos longe se não devessemos limitar o ról dos vocabulos aqui apontados; principal-

mente se entrassemos no puro terreno das artes e officios.

Baste-nos lembrar que num folle temos PERADA, CURVATÕES, RODETES, TANGEDOUROS; numa serra, ALFEIZAR, CAIRO, TARABELHO e TESTICO; e numa fivela, CHARNEIRA e FUSILHÃO, além de ARCO, TRAVE e BOTÃO.

Antonio das Neves Pereira (*Mem. de lit. por.* V, 217), Castilho (*Met. prol.; Vivos e Mortos*, III, 80) e o nosso Ruy Barbosa (*Repl.* ns. 491 a 3), por citar sómente os mestres dos mestres, já mostraram ser meritorio serviço o renovar-se o uso dos vocabulos antiquados, quando o peça a necessidade da materia, da obra, ou da situação.

Com maioria de razão deve-se forcejar para que se usem os que sem merecerem tacha de antiquados, não se podem dispensar senão recorrendo a palavras suppletorias ou circumloções.



INDICE

A LINGUA PORTUGUESA NO BRASIL:

I

- 1 — Commercio da escravatura e sua influencia na penetração entre nós, dos dialectos indo-portugueses. 2 — Dialectos de Gôa, de Ceilão e Norteiro. Inversão do pronome regimen 7

II

- 3 — Influencias conservadoras e influencias perturbadoras da linguagem; lição de Whitney, Gonçalves Vianna e Littré. 4 — Extremo gráo de perfeição da lingua portuguesa nos seculos XVI e XVII. 5 — Fixando-se em monumentos literarios, a lingua não pode mudar sem corromper-se; lição de Renan Voltaire e Max Muller. 6 — O português literario no Brasil 13

III

- 7 — Insignificante influencia do elemento africano. 8 — Mão portugues dos nossos escriptores antigos. 9 — Linguagem

dos livros didáticos. 10 — Como se ensinava a arte de escrever. 11 — Melhoria do português no Brasil . . . 19

IV

12 — Deve o escriptor estudar a lingua e as regras da elocução nos bons modelos vernaculos. 13 — Ha entre esses muitos que não tratam de religião. Cita-se grande numero de trabalhos historicos. 14 — Trabalhos sobre viagens. 15 — Sobre politica. 16 — Sobre novellistica; comedias. 17 — Livros de leitura amena. 18 — Sobre pintura de costumes; moralistas. 19 — Outros assumptos 25

V

20 — Prosadores modernos. 21 — Erros attribuidos aos classicos onde estão muitas vezes é nas regras dos grammaticos. 22 — O *nacionalismo* na linguagem. 23 — Diferenciações dialectaes nos diversos Estados do Brasil 33

VI

24 — A construcção portuguesa em confronto com a franceza. O que dizem contra esta os melhores auctores francezes. 25 — Leiamos sempre os bons modelos vernaculos, especialmente os escriptores religiosos. 26 — Porque são estes os melhores. 27 — A obra dos jesuitas no Brasil 39

EDIÇÕES DA CASA

REFLEXÕES SOBRE A VAIDADE DOS HOMENS, pelo famoso Classico Paulista Mathias Aires. Reprodução photo-zincographica (fac-símile) da 1.^a edição de 1752. Rarissima. 1 vol B. 15\$000

«Mathias Aires, o primeiro em data dos nossos moralistas e, com Machado de Assis, o mais fino e perspicaz da literatura Brasileira. Viu as paixões crepitarem debaixo do sol, palpou-as curioso, pesou-as pacientemente, analysou-as... Guardou na memoria a somma das suas experiencias, e como sentisse necessidade de as transmittir, escreveu um livro delicioso». (RONALD DE CARVALHO).

«O livro de Mathias Aires é a affirmação de uma grande capacidade de pensamento e de um pensamento muito superior e muito humano. O Brasil tem, talvez no insigne moralista, a sua maior gloria classica fóra da poesia». (ANDRADE DE MURICY).

«A lingua portugueza amplia-se sob a sua penna, e um milagre de plasticidade e elegancia sempre muito limpida e apurada... para ler Mathias Aires o Dicc. não é preciso. As suas idéas derivam de um aito engenho que as fez profundas e verdadeiras». (BARBOSA LIMA SOBRINHO).

«...um dos classicos da nossa lingua e escriptor dos de mais subido valor, entre os nossos, em todos os tempos. Ainda hoje, o seu livro... o colloca entre os raros pensadores que temos tido. Tem elle algo da bonhomia de Montaigne, lembra ás vezes o grande Pascal, pelo inesperado das conclusões. Psychologo de raça, nenhum no Brasil ou Portugal já o seperou. Todo o homem de bom gosto, amante realmente das nossas letras, deve ler este livro, Mathias Aires faz jus a uma grande popularidade na sua patria». (JACKSON DE FIGUEIREDO).

«Não conheço em toda a litteratura portugueza outra obra no genero com o valor que tem esta... seu estylo até quasi que parece de hoje, muitas vezes; lembra, não raro, o estylo vivaz e mordente de Machado de Assis». (NESTOR VICTOR).

«Eis ahi um livro serio, que é, além de tudo, um compendio de moral... Mathias dá-nos a respirar o riso das flores e a ouvir a alegria dos passaros... Meditando sobre esse manual de desillusão, eu tenho a alegria de amar esse velho e gentil mestre... Quanto a mim, posso confessar mais uma vez que o amo, porque o acho delicioso. Elle me ensinou muitas cousas certas e justas. No meio desse vão passeio através de varias apparencias que é a vida dos homens. Mathias me deixou sentir, mas vivamente, os milagres luminosos da doçura, da sabedoria, da tolerancia e do perdão». (MUCIO LEÃO).

«... é o seu engenho dos mais agudos e dos mais interessantes de seu tempo. Representa elle, para a litteratura classica em Portugal, um desses postigos abertos sobre o mundo, no genero do que no seculo XVI haviam sido Sá Miranda ou Damião de Góes... escreveu obras em latim e em francez, manejaendo o vernaculo com a mais encantadora perfeição e a naturalidade elegante de quem tem muito que dizer e sabe mais do que escreve. Seu livro capital, essas deliciosas «Reflexões sobre a vaidade dos homens»,

ainda que tolhido por vezes pelo meio ambiente, não se apresenta como a longa homilia de um moralista aferrado a seus preconceitos, senão como o livre raciocínio de um psychologo agudíssimo, que por vezes attinge á grandeza pascaliana... grande conhecedor da alma humana, que pôde ainda hoje ser lido com o mesmo encanto e proveito com que, em vida, se esgotaram quatro edições de sua obra.

A presente edição, fac-simile da primeira de 1752, é realmente um bello serviço ás nossas letras». (TRISTÃO DE ATHAYDE).

«Em cêrca de dois seculos (1580-1756) de literatura, que neste volume historiamos, não encontrámos escriptor tão ricamente dotado do poder de intuspecção e do de expressão como este esquecido paulista, que é de certo das mais valiosas contribuições do Brasil colonial para o cabedal literario da metropole». (FIDELINO DE FIGUEIREDO).

«Realmente, quanto á forma, as REFLEXÕES nos apresentam um modelo de vernaculo puro... Quanto aos pensamentos basta dizer que elles induziram varios criticos a comparar Mathias Aires a La Rochefoucauld». (GAZETA DE NOTICIAS).

SUMMA POLITICA — Pelo Bispo Conde D. Sebastião Cesar de Menezes. Reprodução «fac-simile» deste livro preciosissimo. Extremamente raro. 1 vol. B. . . 10\$000

«... verdadeiro monumento literario». «O autor foi notavel pela reputação gigante de sua sciencia politica». (CAMILLO CASTELLO BRANCO).

«Eu li bem devagar este livro... é sizudissimo, é claro, é breve. Juntou impossiveis». (D. FRANCISCO MANOEL DE MELLO).

«Estylo claro, profundidade de conceitos, agudeza e concisão reunidos á perspicacia e rigoro-

sa elegancia, formam no juizo dos bons entendedores o caracter desta obra». (INNOCENCIO).

«Ainda hoje ganhará o homem de estado que dê algumas horas de attenção a um velho e nobre livro portuguez, a «Summa Politica, de Sebastião Cesar de Menezes, ultimamente, formosamente reeditado, nesta Capital, pela Livraria J. Leite, sob os cuidados do eminente bibliophilo, Sr. Dr. Solidonio Leite». (JACKSON DE FIGUEIREDO).

«Não cabe nesta breve noticia tratarmos dessa obra celebre, que demanda um estudo acurado e percuciente, para melhor realçar o seu merito excepcional. O nosso intuito é registrar aqui a excellentissima impressão causada pela leitura dessa admiravel resurreição bibliographica, de que os editores souberam brilhantemente dar um relevo invulgar, com uma reimpressão «fac-simile», nitida e bellissima, que delicia a vista do leitor e lhe enleva o espirito. No nosso meio esse genero de edições é uma novidade, um esforço digno dos maiores encomios, um requinte de arte graphica que merece um elogio caloroso, para que este surto artistico na industria livresca opere a transformação e desperte ao publico o interesse que ella merece». (GAZETA DE NOTICIAS).

DESAPROPRIAÇÃO POR UTILIDADE PUBLICA, de Solidonio Leite. 2.^a edição augmentada, posta de accôrdo com o Codigo Civil e seguida da jurisprudencia em ordem alphabetica. 1 vol. B. 10\$000

CARTA DO EMINENTE JURISCONSULTO — Dr. J. X. de Carvalho de Mendonça.

S. Paulo, 18 de Novembro de 1903. — Meu illustrado collega e distincto Am.^o Sr. Dr. Solidonio Leite, Rio de Janeiro. Recebi o seu precioso livro «Desapropriação por utilidade publica», commentario ao decreto n. 4.956, do anno

corrente, e muito me penhoraram a gentil offerta e os conceitos generosos da dedicatória.

O seu trabalho é de muito valor, revelando estudo, pleno conhecimento da materia e muita illustração; é um valioso e indispensavel subsidio para quem precisar saber o systema, o escopo e fins do recente regulamento n. 4.956.

Li todos os seus commentarios e tive a mais agradavel impressão.

Continue a trabalhar, contribuindo com o seu estudo e brilhante talento para o progresso da nossa sciencia juridica. Felicito-o, abraço-o pelo seu livro. Queira dispor, etc. — J. X. CARVALHO DE MENDONÇA.

DO DR. PEDRO LESSA:

«Ao illustrado collega Sr. Dr. Solidonio Leite, Pedro Lessa agradece, penhoradissimo, o exemplar da interessante e excellente monographia — DESAPROPRIAÇÃO POR UTILIDADE PUBLICA. É obra que se guarda na estante para consultar, sempre que se tem necessidade de estudar o assumpto. S. Paulo, 23 de Novembro de 1903».

DO DR. CLOVIS BEVILAQUA, eminente autor do Projecto de Codigo Civil, e Lente da Fac. de Direito do Recife:

«... No commentario com que esclareceu os dispositivos do regulamento de 1093, seguiu o verdadeiro caminho... É a exposição clara, a reconstrução segura do pensamento da lei, não como resulta do simples exame parcial e destacado de seus artigos, mas como se revela, vivaz e nitido, de uma vista de conjunto illuminada pelos verdadeiros principios de logica juridica».

D'O COMMENTARIO:

«... Exposta com toda a clareza a doutrina decorrente das leis que já regulavam a materia, a analyse do novo regulamento está feita á luz de um criterio que friza e documenta a elevada aptidão do espirito do auctor...»

D'O DIREITO:

«O... Dr. Solidonio Leite... publicou o importantissimo e util trabalho de que nos occupamos e que demonstra a competencia de seu illustre auctor. Quanto a nós pedimos venia ao Mestre (Carvalho de Mendonça) para subscrever este conceito e abaixo apresentamos... o plano da obra para que por si façam juizo sobre o que nella magistralmente se desenvolve»...

DE D. JOÃO VI Á INDEPENDENCIA — Estudo sobre os factos que mais contribuíram para ser proclamada em S. Paulo, no dia 7 de Setembro de 1822, nas margens do Ypiranga, a emancipação politica da Patria, pelo Dr. João Romeiro. Nova edição (a 1.^a fôra sómente de 200 exemplares) com a biographia do autor e os juizos da imprensa. 1 volume B. 5\$000

«... controverte, discute e apura os factos, e não só com vigor de logica irrefutavel, mas asentando tudo em documentos e no testemunho directo de homens do tempo...» (ROCHA POMBO).

«E a memoria do Sr. Dr. João Romeiro, longe de ser simples compilação ou repetição estafante de antigos tratadistas, é obra de um pensador na forte madureza do espirito longamente esclarecido pelo estudo e pelas experiencias da vida, é obra de um patriota inflexivel, em cujas veias pulsa o nobre sangue dos intrepidos devassadores dos nossos sertões, e é, finalmente, obra em que reponta o depoimento feito por testemunho idoneo, de quem foi participante da scena inolvidavel de 7 de Setembro de 1822, na collina historica da formosa capital paulista». (BASILIO DE MAGALHÃES).

«Serviço importante presta esta obra, desfazendo de uma vez por todas as intrigas e calumnias que, ora de fonte anonyma, ora lançadas subrepticiamente, vinham se accumulando aqui e alli, não só em trabalhos esparsos como em algumas obras de tomo sobre o character e moveis da acção politica dos Andradas». (JORNAL DO COMMERCIO).

NO PRÉLO:

DIALECTO INDO-PORTUGUES DE GÔA,
pelo Mons. Rodolfo Dalgado.

ACABOU DE SE IMPRIMIR
NA TYPOGRAPHIA DO ANNUARIO DO BRASIL,
(ALMANAK LAEMMERT)
R. D. MANOEL, 62 — RIO DE JANEIRO
AOS 6 DE ABRIL DE 1922



K

180.

7